

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA VEGETAL

EDVALDO AMARO DOS SANTOS

TRANSFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO
AO LONGO DE UM GRADIENTE DE PAISAGENS URBANIZADAS NA REGIÃO
NORDESTE DO BRASIL

RECIFE

2013

EDVALDO AMARO DOS SANTOS

**TRANSFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO
AO LONGO DE UM GRADIENTE DE PAISAGENS URBANIZADAS NA REGIÃO
NORDESTE DO BRASIL**

RECIFE

2013

EDVALDO AMARO DOS SANTOS

**TRANSFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO
AO LONGO DE UM GRADIENTE DE PAISAGENS URBANIZADAS NA REGIÃO
NORDESTE DO BRASIL**

**Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Biologia Vegetal da
Universidade Federal de Pernambuco,
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre em Biologia Vegetal.**

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Laise de Holanda
Cavalcanti Andrade – Departamento de
Botânica – CCB/UFPE.**

RECIFE

2013

Catálogo na Fonte:
Bibliotecário Bruno Márcio Gouveia, CRB-4/1788

Santos, Edvaldo Amaro dos

Transformações do conhecimento etnobotânico ao longo de um gradiente de paisagens urbanizadas na região Nordeste do Brasil / Edvaldo Amaro dos Santos. – 2013.

69 f. : il.

Orientadora: Laise de Holanda Cavalcanti Andrade.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Biociências. Programa de Pós-graduação em Biologia Vegetal, Recife, 2013.

Inclui referências.

1. Etnobotânica 2. Patrimônio cultural 3. Olinda (PE) I. Andrade, Laise de Holanda Cavalcanti (orientadora) III. Título.

581

CDD (22.ed.)

UFPE/CB – 2018 - 121

EDVALDO AMARO DOS SANTOS

**TRANSFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO
AO LONGO DE UM GRADIENTE DE PAISAGENS URBANIZADAS NA REGIÃO
NORDESTE DO BRASIL**

BANCA EXAMINADORA:

Dr.^a Laise de Holanda Cavalcanti Andrade (Orientadora) – UFPE

Dr. Antonio Fernando Moraes de Oliveira – UFPE

Dr.^a Alissandra Trajano Nunes – UFRPE

RECIFE

2013

**À meus pais, Severino Amaro dos Santos e Severina Maria dos Santos e em
especial às minhas queridas professoras, Lourdes Vidal, Dênia Maria,
Cláudia São Bento, Maria Bernadete e Laise Andrade**

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, em especial aos meus pais Severino Amaro dos Santos e Severina Maria dos Santos, que sempre confiaram e apoiaram as minhas escolhas.

À Dra. Maria Bernadete Costa e Silva, pela orientação científica sempre motivadora e ensinamentos despendidos em todos os momentos.

À Prof. Dra. Laise de Holanda Cavalcanti Andrade, por todo o aprendizado que tive na graduação, como seu monitor na disciplina Sistemática de Fanerógamos, e na orientação da monografia e da dissertação. A minha grande admiração e gratidão pelo seu caráter distinto e a dedicação para a formação de seus alunos.

Aos moradores de Olinda, pela disponibilidade e total apoio na realização deste trabalho.

Aos Drs. Eugenia C. G. Pereira e Fernando O. Mota Filho da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Valdeline A. Silva da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE e Ina Vandebroek do Jardim Botânico de Nova York pelas sugestões sinceras e críticas no projeto inicial; e aos Drs. Lucilene A. C. M. de Sá da UFPE e Thiago A. S. Araújo da UFRPE pela colaboração durante a organização deste trabalho.

Aos Drs. Iva C. L. Barros da UFPE, Marcus A. N. Coelho do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Roseli F. M. de Barros da Universidade Federal do Piauí-UFPI e Judas T. M. Costa; bem como aos Mss. Genilson A. R. Silva do Instituto Federal do Piauí e Ivo A. A. da Silva da UFPE pelo auxílio nas identificações botânicas.

À Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Botânica, laboratório de Etnobotânica e Botânica Aplicada, pelo suporte técnico; bem como às colegas Lysandra Felizardo e Lhaysa Mirella pelo apoio e compartilhamento das ideias da pesquisa, com críticas sempre oportunas, e pela participação nas coletas de dados e material biológico; aos demais colegas pela convivência fraterna.

Ao Herbário UFP Geraldo Mariz do Departamento de Botânica da UFPE, pelo suporte técnico na confecção de exsicatas de plantas coletadas nas áreas de estudo; em especial a João Amazonas, que de forma carinhosa e amiga sempre me ajudou.

Ao CNPq pelo fornecimento da bolsa permitindo a realização deste trabalho; bem como à PROPESQ/UFPE e PROACAD/UFPE, pelos auxílios financeiros que possibilitaram o intercâmbio com outros centros de pesquisa do país.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal da UFPE pelas sinceras críticas e oportunidade de aperfeiçoamento deste trabalho.

Ao Núcleo Espírita Quinta de Luz, pelo despertar da harmonia que envolveu a execução deste trabalho, sobretudo através da querida amiga Aurelúcia Santos, pelo apoio técnico durante a finalização das entrevistas.

À Deus e aos benfeitores espirituais, por terem me conduzido a lugares e posições sempre coerentes com as minhas necessidades e aspirações, encaminhando-me a companhia dos acima citados, pessoas fundamentais na realização e conclusão deste trabalho.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 A ETNOBOTÂNICA E AS PESQUISAS URBANAS	13
2.1.1 A ETNOBOTÂNICA E A PESQUISA SOBRE QUINTAIS URBANOS.....	15
2.2 A ETNOBOTÂNICA E OS NOVOS ENFOQUES NO BRASIL	17
2.3 A ETNOBOTÂNICA EM INTERFACE COM A ANTROPOLOGIA.....	18
3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21
4 MANUSCRITO	26
Resumo	27
Abstract	28
Introdução.....	28
Materiais e Métodos	30
Análise dos dados.....	31
Resultados e discussão	32
Conclusões	38
Agradecimentos	39
Referências.....	39
APÊNDICE. Espécies vegetais conhecidas e utilizadas pelos entrevistados em áreas urbanas e periurbanas na cidade de Olinda, Pernambuco, Brasil	51
5 CONCLUSÕES.....	68
6 RESUMO	68
7 ABSTRACT.....	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Teste de correlação de Spearman referente à associação da riqueza de plantas úteis, por categoria de uso, com a disponibilidade de áreas verdes residenciais, o tempo de moradia e a riqueza do conhecimento (KRI) dos entrevistados no Sítio Histórico de Olinda, Pernambuco, Brasil.....50

Tabela 2. Teste de Kolmogorov-Smirnov referente às distribuições das riquezas de espécies cultivadas (R), e, os índices de riqueza e grau de compartilhamento do conhecimento (KRI e KSI, nessa ordem) associados aos entrevistados nos bairros Amparo, Bonsucesso e Carmo, no Sítio Histórico, e área peri-urbana (Purb) de Olinda, por categorias de usos.....51

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1.** Localização da cidade de Olinda, com destaque para a área peri-urbana e o Sítio Histórico. Fonte: Neves (2003).....47
- Figura 2.** Aspectos de casas, quintais e jardins no Sítio Histórico, e na área periurbana de Olinda, Pernambuco, Brasil. A, Casas geminadas no bairro Varadouro; B, Quintal no bairro Amparo; C-D, Jardim frontal e interior no bairro Carmo. Fonte: E.Santos.....48
- Figura 3.** Famílias botânicas mais representativas em número de citações de usos e/ou totais de espécies citadas no Sítio Histórico e na localidade periurbana de Olinda, Pernambuco, Brasil, por categorias de usos.....49
- Figura 4.** Número de espécies, por categorias de usos, nos bairros Amparo, Bonsucesso e Carmo, no Sítio Histórico, e área periurbana de Olinda.....49
- Figura 5.** Avaliação da similaridade florística (índice de Jaccard) e análise de agrupamento (método UPMGA) dos bairros Amparo (A), Bonsucesso (B) e Carmo (C) no Sítio Histórico de Olinda, e área periurbana dessa cidade (AP), por categoria de uso: a, medicinal; b, ornamental; c, alimentícia; d, construção; e, místico-religiosa.....50

1 APRESENTAÇÃO

A Etnobotânica Urbana, um dos ramos mais recentes dessa ciência, compartilha perspectivas científicas que a aproximam da Ecologia Urbana e da Antropologia Urbana. Todos esses são enfoques direcionados para a elucidação de processos inerentes aos ambientes urbanos.

Com relação a participação humana nesses processos, pesquisas mais convencionais têm negligenciado algumas abordagens fundamentais para melhor entender a realidade da biodiversidade das cidades. Um desses assuntos se relaciona à diversidade vegetal existente nos espaços verdes residenciais que, apesar de sua importância na composição da paisagem urbana, tem sido negligenciado nas pesquisas efetuadas em países tropicais.

A variação em torno dos processos de urbanização é particular de cada cultura, mas todas tem levado a uma diminuição da disponibilidades dos espaços verdes residenciais, o que poderia interferir na relação do homem com as plantas. No entanto, em algumas dessas cidades, existem áreas históricas que foram preservadas e ainda possuem residências com as características de épocas em que quintais e jardins eram parte importante do projeto arquitetônico. A investigação desses sítios históricos pode ser um dos enfoques das pesquisas etnobotânicas realizadas em ambientes urbanos.

O conhecimento etnobotânico dos moradores dos sítios históricos pode ser compreendido como parte componente do patrimônio tombado, nesse caso, um patrimônio imaterial. O Sítio Histórico de Olinda, uma das cidades mais antigas do Brasil, com origem no ano de 1537, se insere nesse contexto. Nas últimas décadas, Olinda tem atraído a atenção do Brasil e do Mundo. Em 1982 foi reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO; nesse mesmo ano também alcançou o título de cidade ecológica.

A pesquisa ora apresentada foi desenvolvida segundo esse enfoque, e procura responder questões relacionadas com a riqueza do conhecimento dos atuais moradores nessas antigas residências. Procurou-se, também, compreender a relação existente entre a área disponível para os espaços verdes, as taxas de urbanização e a distribuição do etnoconhecimento, um dos fatores determinantes para a composição da flora útil de jardins e quintais nos bairros do Sítio Histórico de Olinda e de parte da Zona Rural.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No mundo como um todo, o meio urbano vem sendo foco de distintas pesquisas, cujos propósitos são ampliar e aprofundar compreensões acerca dos padrões e processos associados aos ecossistemas nele inseridos (PAVAO-ZUCKERMAN; COLEMAN, 2007; TRATALOS *et al.*, 2007; KUHN *et al.*, 2008).

Os dados resultantes dessas pesquisas caracterizam o ambiente urbano como um mosaico de lugares com diferentes níveis de realidades naturais e sociais. Nele, a heterogeneidade espacial é o reflexo de interações complexas entre processos bióticos e abióticos em diferentes escalas. A densidade vegetal e o grau de impermeabilização do solo, por exemplo, variam de tal maneira ao longo de uma cidade, que favorecem a ocorrência de distintos habitats (ALBERTI, 2005; SWYNGEDOUW, 2001; WERNER; ZAHNER, 2009).

Nesse cenário de ambientes urbanos diversificados, pesquisas têm apontado uma tendência de diminuição da diversidade de plantas vasculares à medida que aumenta a taxa de urbanização, fato ao qual se associa uma possível seleção de espécies com características adaptadas à urbanização (DUNCAN *et al.*, 2011; LOSOSOVÁ *et al.*, 2011).

Sobre esse assunto, Albuquerque (2005) reitera a compreensão de que a presença humana é um dos principais fatores de alteração das paisagens. Segundo ele, porque ao homem sempre esteve associada uma dependência do ambiente botânico, por exemplo, para a prática da cura de doenças através da manipulação das plantas.

Objeto de pesquisa, principalmente, da Ecologia Urbana, a biodiversidade das cidades, tem concentrado a atenção dos pesquisadores para a compreensão dos padrões de variação dessa diversidade ao longo de diferentes espaços de uma cidade ou entre cidades, especialmente em nível global (WERNER, 2011).

Nessas abordagens, a biodiversidade vegetal urbana tem sido ora percebida como um conjunto de manchas verdes ao longo da cidade ora como componente de uma matriz urbana (WERNER, 2011). Sem se contraporem, essas são diferentes visões da estrutura verde de uma cidade, a qual foi soerguida em um ambiente natural biogeográfico.

Em parte, esse interesse atual pela compreensão dos padrões da biodiversidade urbana se justifica devido ao crescente número de espécies ameaçadas, muito embora desde 1990 tenha aumentado mundialmente o percentual de áreas verdes protegidas (PNUMA, 2011).

É consenso que a compreensão dos processos implícitos à matriz urbana pode favorecer o desenvolvimento de estratégias de integração da cidade ao seu ambiente natural biogeográfico. Então, o enfoque urbano em torno da biodiversidade das cidades representa esforços adicionais para a conservação de espécies que persistem em áreas urbanas (FRANKLIN; LINDENMAYAR, 2009).

No que se refere às principais repercussões desses estudos, é possível ressaltar a aplicação no campo da Gestão Ambiental Urbana. Nesse assunto, Lososová *et al.* (2011) expõem que a compreensão dos fatores regentes dos padrões de biodiversidade em paisagens urbanizadas pode permitir projeções de futuros impactos de mudanças no uso da terra urbana sobre a biota. No caso dos países em desenvolvimento, o conhecimento da biodiversidade urbana contribui para o estabelecimento de iniciativas públicas proativas de conservação da matriz urbana.

No entanto, para uma gestão ambiental urbana coerente, se faz necessário a análise de um conjunto diversificado de variáveis relacionadas aos ecossistemas urbanos. Por exemplo, é importante a compreensão da correlação entre diversidade biológica e aspectos sociais, econômicos e culturais (ANDERSSON *et al.*, 2009; LUBBE *et al.*, 2010; MARTIN *et al.*, 2004).

Muito embora tais estudos sejam necessários, a amplitude e o aprofundamento das pesquisas realizadas, principalmente em nível global, ainda é incipiente. A maioria dos trabalhos realizados nessa área da ciência se concentrou, quase exclusivamente, em países da Europa Central e América do Norte e os realizados em outras regiões usualmente não têm integrado princípios ecológicos e socioeconômicos (LUBBE *et al.*, 2010; WERNER, 2011).

Outra dificuldade nesse campo de pesquisas urbanas diz respeito aos avanços metodológicos. Hodgson *et al.* (2007) comentam haver uma dificuldade maior de acesso e estudo das propriedades privadas, em relação às abordagens largamente realizadas em espaços públicos. Essa dificuldade, em parte, limita a ampliação das análises para abranger a cidade como um todo, já que as propriedades privadas correspondem a uma ampla área das cidades.

Concordando com a visão de diversos autores Angeoletto (2012) ressalta que as propriedades privadas não podem ser negligenciadas pelas pesquisas urbanas.

Nesse ínterim, a Etnobotânica pode contribuir com as pesquisas urbanas ao gerar conhecimento de como os moradores percebem, manejam e usam as plantas. Ademais, essas informações agregam um caráter ecológico, social e econômico da vivência das pessoas com as plantas, que pode servir como meio de integrá-las às ações de conservação e melhoria da infraestrutura verde urbana (ANTWEILER, 2004; COELHO-DE-SOUZA; KUBO, 2006; YLI-PELKONEM; KOHL, 2005).

2.1 A ETNOBOTÂNICA E AS PESQUISAS URBANAS

De forma especial, o estudo das populações urbanas tem sido referido como um novo ramo da Etnobotânica e identificado como “Etnobotânica Urbana” (BALICK; LEE, 2001; BALICK *et al.*, 2000). Nesse ramo, trabalhos sobre a temática do conhecimento de migrantes que habitam grandes cidades, como Nova York e Londres, já foram compilados e buscaram entender como os conhecimentos associados às espécies se mantêm ou se modificam entre pessoas que convivem nesses espaços (BALICK *et al.*, 2000; CEUTERICK *et al.*, 2008).

O subcampo dinâmico e desafiador da Etnobotânica Urbana tem rapidamente atraído a atenção mundial. Em 2009, Ina Vandebroek, pesquisadora do Jardim Botânico de Nova York, concedeu entrevista ao *site* da “Public Broadcasting Service-PBS”, uma rede de telecomunicação norte americana, e comentou sobre o papel da ciência contemporânea, com menção especial para o papel da Etnobotânica:

“... O beneficiário da pesquisa científica é o público em geral, você, eu e todos nós sabemos, ou pelo menos essa é a ideia. A Etnobotânica contemporânea, por exemplo, tem sido amplamente descrita como uma ciência que pode oferecer respostas para muitos dos desafios com os quais a sociedade contemporânea se confronta.

Mais do que antes, as ciências contemporâneas ainda parecem desconectadas da sociedade. Nós cientistas vamos para nossos congressos científicos, escrevemos nossas publicações e pregamos para um coral de

crédulos, nossos observadores científicos. Ao mesmo tempo, o financiamento para as pesquisas científicas está diminuindo e acredito que isto acontece – pelo menos em parte – porque nós não nos entrosamos regularmente com o público sobre o quê estamos fazendo e por que é tão importante.

Tão simples quanto parece, se as pessoas se sentirem desconectadas da ciência, então elas não vão dar dinheiro para sustentá-la. Então, talvez seja a hora dos cientistas descerem de suas torres de marfim e explorarem além dos limites de suas zonas de conforto”.

No Brasil, desde as primeiras pesquisas etnobotânicas realizadas por R.E. Schultes e D. Posey na região amazônica, por volta de 1940, a Etnobotânica vem aprofundando seus enfoques teóricos e metodológicos. Norteada, sobretudo, pelas considerações de Prance (1983 apud OLIVEIRA, 2009), a disciplina vem se tornando cada vez mais aplicada, interdisciplinar e atenta ao compromisso social da pesquisa científica.

Todavia, o estabelecimento científico da Etnobotânica, em torno de 1980, não significou, de imediato, um desdobramento de suas potencialidades investigativas. Os trabalhos etnobotânicos, em sua maioria, passaram a enfatizar, quase exclusivamente, o registro e catálogo de plantas medicinais, ou a descrição geral de plantas úteis de uma região. Nessa época, os objetivos da disciplina se concentraram em agregar valor científico aos conhecimentos empíricos das sociedades tradicionais (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

A partir de 1990, notadamente, começaram a surgir novos enfoques e uma tendência a quantificar os valores e importâncias dos usos das plantas (ver PHILLIPS; GENTRY, 1993a,b; BENNETT; PRANCE, 2000). A partir de então, a Etnobotânica voltou a expandir suas possibilidades de pesquisa. Nesse momento, o conhecimento das sociedades consideradas não-tradicionais também passou a compor o cenário de pesquisas.

Muitos trabalhos passaram a pesquisar o conhecimento e o uso de plantas comercializadas ou cultivadas em quintais domésticos (ALBUQUERQUE, 1997; AZEVEDO; SILVA, 2006; ALBUQUERQUE *et al.*, 2007; MAIOLI-AZEVEDO; FONSECA-KRUEL, 2007; LAMONT *et al.*, 1999; LEITÃO *et al.*, 2009).

Sobre as plantas mantidas em residências de áreas urbanas, alguns poucos trabalhos foram realizados. São exemplos destes: VENDRUSCOLO *et al.* (2006), LIMA *et al.* (2007) e

Althus-Ottmann *et al.* (2010) na Região Sul; Eichemberg *et al.* (2009) na Região Sudeste; Amaral e Guarim-Neto (2008) e Carniello *et al.* (2010) na Região Centro Oeste; EMPERAIRE; ELOY (2008), WINKLERPRINS (2002) e WinklerPrins e Oliveira (2010) na Região Norte; e Oliveira *et al.* (2010) na Região Nordeste.

2.1.1 A ETNOBOTÂNICA E A PESQUISA SOBRE QUINTAIS URBANOS

No mosaico da arquitetura urbana, sobretudo no Brasil, o quintal é um elemento fortemente destacado em todos os períodos da história de formação dos conglomerados urbanos. Definidos por Galluzzi *et al.* (2010) como nichos ecológicos pequenos mas altamente diversificados em termos da complexidade estrutural e multifuncional, os quintais têm sido o reduto de espécies que permanecem íntegras à matriz urbana vegetal (AMOROZO, 2002).

Com enfoque nos quintais, pesquisas científicas revelaram que pessoas dotadas do hábito de cultivar plantas têm mantido os seus quintais na atualidade, muito embora projetos arquitetônicos estejam construindo quintais com espaço muito reduzido (CARNIELLO, 2010; SILVA, 2004). Na Região Metropolitana do Recife, por exemplo, bairros periféricos como Muribeca são estruturalmente semelhantes a localidades rurais de cidades com baixo grau de urbanização. Neles, a riqueza na diversidade de espécies é semelhante (OLIVEIRA, 2010).

Sobre os motivos relacionados à manutenção de quintais em áreas urbanas, Winklerprins e Souza (2005) ressaltam seu caráter utilitário, descrevendo-os como espaços para satisfazer necessidades familiares por plantas alimentícias e medicinais. Efetivamente, os espaços verdes de propriedades privadas e bairros são considerados pela Organização Mundial de Saúde-OMS como um dos fatores determinantes para uma saúde pública de qualidade (WHO, 1998).

No entanto, mesmo existindo o reconhecimento de pesquisadores e organizações de abrangência internacional, os esforços de investigação sobre os quintais urbanos ainda permanecem, de uma maneira geral, incipientes, sobretudo se tratando de abordagens quantitativas e multivariadas (ANGEOLETTO, 2012). Por exemplo, Daniels e Kirkpatrick (2006), em uma revisão da literatura, localizaram um número ínfimo de artigos relatando diferenças na distribuição de espécies vegetais entre quintais.

Essa realidade não sofre grande variação, mesmo quando os limites científicos são expandidos para abranger outras perspectivas investigativas, por exemplo, a gênese urbana. Segundo Loureiro (2012), a pesquisa sobre quintais tem sido negligenciada pelos urbanistas e sua iniciativa de investigação sobre a formação dos quintais do Sítio Histórico de Olinda, em Pernambuco, se configura como a primeira iniciativa brasileira de pesquisa dos espaços domésticos nessa ênfase científica.

A observação mais atenta dos motivos da escolha do Sítio Histórico de Olinda como o ambiente de pesquisa de Loureiro (2012) desperta um outro enfoque para as pesquisas etnobotânicas realizadas em ambientes urbanos: a investigação de culturas urbanas inseridas em ambientes de importância histórica e cultural.

Do ponto de vista cultural, o etnoconhecimento dos moradores de cidades e sítios históricos pode ser compreendido como parte componente do patrimônio histórico tombado, nesse caso, um patrimônio imaterial. A ele se vinculam os modos diversificados de criar, fazer e viver; ações essas, todas relacionadas e incorporadas à memória viva das pessoas. Em conjunto, essas características do etnoconhecimento compõem critérios da legislação brasileira para a efetivação dos patrimônios materiais e imateriais do país (NEVES, 2003).

Quando um bem é tombado em nível federal, estadual e municipal, a ele se combina uma ficha com informações descritivas, cartográficas, fotográficas, entre outras, que são atualizadas periodicamente (NEVES, 2003). Esse conjunto de informações possibilita ao Poder Público gerir o patrimônio e subsidiar ações que se façam necessárias para a preservação. No caso das residências tombadas em Olinda, a conservação do conjunto paisagístico inclui casas e quintais e está sob a competência, sobretudo, da Secretaria de Patrimônio, Cultura, Ciência e Turismo – SEPACCTUR do município de Olinda, cujas ações se articulam com outros órgãos componentes ou relacionados ao Sistema de Preservação do Patrimônio Histórico de Olinda (instituído pela Lei nº 4.119/79 e alterado pelas Leis nº 4.849/92 e nº 5.431/05).

Sobre as políticas de conservação do Sítio Histórico de Olinda, Correia (2006) relata que os órgãos integrantes do sistema de preservação, de forma geral, apresentam carência de recursos humanos, composição técnica e operacional adequada. Comenta ainda ser insuficiente a representação de agentes sociais envolvidos com a questão da preservação da

Nucleação Histórica de Olinda, ao que Loureiro (2012) acrescenta se tratar de uma incompreensão dos espaços patrimoniais como suportes da memória coletiva.

Assim, a presente pesquisa pode colaborar com a SEPACCTUR no tocante ao conhecimento das realidades etnobotânicas vivenciadas por moradores do Sítio Histórico e fornecer informações sobre o etnoconhecimento de moradores de Olinda que podem ser inseridas nas fichas descritivas das casas tombadas. Essas informações podem servir de referência para a aplicação de políticas públicas ambientais mais direcionadas.

2.2 A ETNOBOTÂNICA E OS NOVOS ENFOQUES NO BRASIL

As pesquisas etnobotânicas, na atualidade, vêm se direcionando para a aplicação de testes de hipóteses, discussões mais amplas e análise crítica das metodologias (OLIVEIRA *et al.*, 2009). Temas como o desenvolvimento humano, a conservação da natureza e questões sobre segurança alimentar e saúde pública, têm despertado a atenção dos etnobotânicos. No âmbito da conservação ambiental, sobretudo, a Etnobotânica vem buscando elaborar estratégias de integração entre progresso social e conservação cultural e ambiental.

Um dos enfoques atuais na Etnobotânica propõe um redirecionamento dos esforços de análise para abranger, mais detidamente, as pessoas (ARAÚJO *et al.*, 2012). Refletida em si mesma, essa contribuição científica é só mais uma medida quantitativa, por sua vez, habilitada para medir a riqueza do etnoconhecimento e o grau de compartilhamento de suas informações entre moradores de uma região.

Araújo *et al.* (2012) propuseram a criação dos índices de riqueza do conhecimento (“*knowledge richness index-KRI*”) e de compartilhamento do mesmo (“*knowledge sharing index-KSI*”). Quando se atenta para as ideias implícitas à criação desse índice, tal atitude pode significar um enriquecimento de perspectivas para a Etnobotânica Urbana. Essa afirmação se torna mais clara quando o pensamento de Araújo *et al.* (2012) é justaposto ao de Agier (2011).

Agier (2011), ao desenvolver pesquisas sobre as realidades antropológicas urbanas, adotou a postura de compreender o meio urbano e seus moradores através da observação de situações concretas onde se inserem contextos e experiências de vida. Trata-se de observar os

lugares da vida cotidiana, as redes de sociabilidade, as dinâmicas identitárias apreendidas *in situ*. Nessa abordagem, a rua é o lugar da observação do antropólogo, preferencialmente.

Repensando essa ideia no contexto da Etnobotânica Urbana, uma análise sobre as pessoas em meio urbano pode selecionar os quintais privados como o lugar de observação das experiências das pessoas no tocante à manipulação das plantas.

Por conseguinte, além de levantar informações sobre as plantas, trata-se de uma atitude de conhecer mais detidamente as pessoas e de alguma maneira buscar estratificar e compreender as variações desse etnoconhecimento em distintas áreas urbanas, bem como sua repercussão na manutenção de espaços verdes dentro das propriedades privadas.

Nesse aspecto, os índices criados por Araújo *et al.* (2012) colaboram para a tentativa de análises no sentido explicado, uma vez que favorecem o estabelecimento de uma relação quantitativa direta entre o etnoconhecimento do entrevistado e variáveis como a riqueza de espécies presentes nos espaços verdes residenciais.

2.3 A ETNOBOTÂNICA EM INTERFACE COM A ANTROPOLOGIA

No que se refere às pesquisas etnobotânicas com populações urbanas, tais investigações se aproximam do mesmo objeto de pesquisa da Antropologia: a cultura e os processos culturais.

Podendo ser considerada como uma das ciências pilares da Etnobotânica, a Antropologia é capaz de, junto com a Etnobotânica, listar e interpretar ideias e valores humanos inerentes à relação homem/planta e, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, norteadas por uma visão etnobotânica, descrever as experiências dos indivíduos no tocante ao conhecimento e utilização das plantas em quintais residenciais.

Segundo Oliveira (1987), a escola americana de Antropologia voltou sua atenção, sob a liderança de Franz Boas, para o estudo da cultura em termos de mudanças culturais, aferidas através da análise de processos de transformação, a serem acompanhados muitas vezes passo a passo pela via da reconstrução histórica e pela observação comparada. Em outras palavras, indaga-se a respeito dos processos na tentativa de estabelecer padrões ou regularidades

culturais. Kuper (2002) acrescenta como perspectiva própria da Antropologia a observação das ideias e valores humanos.

Adolf Bastian, citado por Kuper (2002), concorda com Franz Boas ao referir que, não existem culturas puras, distintas e permanentes. Toda cultura recorre a diversas fontes, depende de empréstimos e está em constante mudança. Os seres humanos são bastante semelhantes e toda cultura está enraizada em uma mentalidade humana universal. Assim, as diferenças culturais são causadas pelos desafios apresentados pelo ambiente natural local e pelos contatos entre as populações. O empréstimo seria o mecanismo primário da mudança cultural.

Por conseguinte, em uma ênfase de análise interdisciplinar Etnobotânica/Antropologia, ao longo dos distintos espaços de uma cidade, se alterariam os modos de pensar e agir, consciente e inconsciente, dos indivíduos em relação ao seu ambiente botânico; alterações expressas no campo das possibilidades, formas e frequência dos seus envolvimento com as plantas. Ou seja, ao longo de distintos espaços com taxas de urbanização variáveis, se alteram as situações e motivações que levam os indivíduos a adotarem ou desconsiderarem as informações pertinentes ao etnoconhecimento, como também, a disponibilidade de solo e áreas verdes.

Entende-se que, na atualidade, dado o rico incremento e expressiva divulgação tanto dos conhecimentos empíricos, quanto científicos, os grupos humanos, sobretudo os urbanizados, se veem diante de uma soma de informações que, para fazer sentido, precisam ser selecionadas. E, nessa escolha, a cultura se comportaria como um repositório de informações a serem eleitas pelos indivíduos; escolhas essas, influenciadas pelas ideias e valores associados às suas concepções ambientais, como também baseadas em critérios de confiança na informação, conveniência e interesse.

Assim, a depender das escolhas realizadas, ou mesmo impostas aos indivíduos, os grupos humanos estariam tanto se encaminhando para a adoção de posturas mais éticas na utilização de plantas, como também para a sobre-exploração dos recursos vegetais, ou mesmo a substituição destes por outros recursos percebidos como mais eficazes no alcance de suas necessidades.

Por exemplo, Almada (2010), em conversas informais realizadas com algumas benzedadeiras em Belo Horizonte, percebeu que, ao antigo uso de algumas plantas nos rituais,

somam-se atualmente práticas e elementos de outras religiosidades e práticas terapêuticas contemporâneas como as da *new age* e *reiki*. Tal fato abre as investigações para a possibilidade das transformações do etnoconhecimento em meio urbano.

Na pesquisa urbana, ao adotar uma perspectiva interdisciplinar com a Antropologia, a Etnobotânica expande os potenciais da disciplina tanto para alimentar a construção do conhecimento das cidades contemporâneas, como também contribui para dentro da disciplina, enriquecendo-a teórica e metodologicamente.

Adaptando o pensamento de Agier (2011) pode-se afirmar que, mais do que inventariar o que vai desaparecendo, a Etnobotânica Urbana se preocupa em compreender o que os ambientes urbanos produzem de novo, em matéria de reelaboração, vivência e compartilhamento das informações do etnoconhecimento.

Nesses termos, se evidencia o caráter inovador da Etnobotânica Urbana ao favorecer além da ampliação dos registros da biodiversidade urbana, um maior aprofundamento da compreensão da interferência das pessoas nos padrões de distribuição das espécies vegetais.

Trata-se de uma investigação que não poderia assumir outra perspectiva senão a abordagem interdisciplinar, com a Etnobotânica como ciência síntese das interpretações das inter-relações entre estrutura e composição vegetal urbana e o fenômeno cultural, ambos em constante transformação nos ambientes urbanos.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, M. 2011. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**/Michel Agier; tradução Graça Índias Cordeiro; prefácio à edição brasileira Graças Índias Cordeiro, Heitor Frúgoli Jr. São Paulo: Editora Terceiro Nome. Título original: Esquisses d'une anthropologie de La ville: lieux, situations, mouvements
- ALBERTI, M. 2005. The effects of urban patterns on ecosystem function. **International Regional Science Review** 28: 168-192.
- ALBUQUERQUE, U.P. 2005. **Introdução à Etnobotânica**. Rio de Janeiro: Interciência. 93p
- ALBUQUERQUE, U.P.; CHIAPPETA, A.A. 1997. Levantamento das espécies vegetais empregadas nos cultos afro-brasileiros em Recife-Pe. **Biologica Brasilica** 7: 9-22.
- ALBUQUERQUE, U.P.; MONTEIRO, J.P.; RAMOS, M.P.; AMORIM, E.L.C. 2007. Medicinal and magic plants from a public market in northeastern Brasil. **Journal of Ethnopharmacology** 110: 76-91.
- ALMADA, E.D. 2010. Sociobiodiversidade Urbana: por uma etnoecologia das cidades. In: SILVA, V.A.; ALMEIDA, A.L.S.; ALBUQUERQUE, U.P. **Etnobiologia e Etnoecologia. Pessoas & Natureza na América Latina**. 1.ed., Recife: NUPEEA
- ALTHAUS-OTTMANN, M.M.; CRUZ, M.J.R.; FONTE, N.N. 2011. Diversidade e uso das plantas cultivadas nos quintais do Bairro Fanny, Curitiba, PR, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências** 9 (1): 39-49.
- AMARAL, C.N.; GUARIM-NETO, G. 2008. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi** 3 (3): 329-341.
- AMOROZO, M.C. de M. 2002. Uso e Diversidade de Plantas Medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. **Acta botanica brasílica** 16 (2): 189-203.
- ANDERSSON, E.; AHRNÉ, K.; PYYKÖNEN, M.; ELMQVIST, T. 2009. Patterns and scale relations among urbanization measures in Stockholm, Sweden. **Landscape Ecology** 24:1331–1339.
- ANGEOLETTO, F.H.S. 2012. **Planeta Ciudad: Ecología urbana y planificación de ciudades medias de Brasil**. Tese (Programa de Postgrado en ecología y medio ambiente) – Universidad Autónoma de Madrid, Madrid.

- ANTWEILER, C. 2004. Local Knowledge theory and methods: an urban model from Indonesia. Pp. 1-34. In: **Investigating local Knowledge**. Aldershot, Ashgate Publishing Limited.
- ARAÚJO, T.A.S.; ALMEIDA, A.L.S.; MELO, J.G.; MEDEIROS, M.F.T.; RAMOS, M.A.; SILVA, R.R.V.; ALMEIDA, C.F.C.B.R.; ALBUQUERQUE, U.P. 2012. A new technique for testing distribution of knowledge and to estimate sampling sufficiency in ethnobiology studies. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** (8):11
- AZEVEDO, S.K.S.; SILVA, I.M. 2006. Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 20: 185-194.
- BALICK, M.J.; KRONENBERG, F.; OSOSKI, A.L.; REIFF, M.; FUGH-BERMAN, A.; O'CONNOR, B.; ROBLE, M.; LOHR, P.; ATHA, D. 2000. Medicinal plants used by Latino healers for women's health conditions in New York City. **Economic Botany** 54(3): 344-357.
- BALICK, M.J.; LEE, R. 2001. Looking within: urban ethnomedicine and ethnobotany. **Alternative Therapies in Health and Medicine** 7 (4): 114-115.
- BENNETT, B.C; PRANCE, G.T. 2000. Introduced plants in the indigenous pharmacopeia of Northern South America. **Economic Botany** 54:1:90-102.
- CARNIELLO, M.A.; SILVA, R.S.; CRUZ, M.A.B.; GUARIM-NETO, G. 2010. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazonica** 40(3): 451-470
- CEUTERICK, M., VANDEBROEK, I., TORRY, B., PIERONI, A. 2008. Cross-cultural adaptation in urban ethnobotany: the colombian folk pharmacopeia in London. **Journal of Ethnopharmacology** 120: 342-359.
- COELHO-DE-SOUZA, G.; KUBO, R. 2006. A perspectiva da etnobotânica sobre o extrativismo de produtos florestais não madeiráveis e a conservação. Pp. 85-98. In: R.R. Kubo; J.B. Bassi; G.P.C. Souza; N.L. Alencar; P.M. Medeiros & U.P. Albuquerque (orgs.). **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. v.3. Recife, Nupeea/SBEE.
- CORREIA, F. 2006. **Avaliação do Sistema de Preservação do Patrimônio Histórico de Olinda (Prefeitura Municipal de Olinda)**. Resumo de Auditoria-06. Recife, Tribunal de Contas do estado de Pernambuco.
- DANIELS G.D.; KIRKPATRICK, J.B. 2006. Comparing the characteristics of front and back domestic gardens in Hobart, Tasmania, Australia. **Landscape and Urban Planning** 78:

344-352.

- DUNCAN, R.P.; CLEMANTS, S.E.; CORLETT, R.T.; HAHS, A.K.; MCCARTHY, M.A.; MCDONNELL, M.J.; SCHWARTZ, M.W.; THOMPSON, K. ; VESK, P.A.; WILLIAMS, N.S.G. 2011. Plant traits and extinction in urban areas: a meta-analysis of 11 cities. **Global Ecology and Biogeography** **20**: 509–519
- EICHEMBERG, M.T.; AMOROZO, M.C.; MOURA, L.C. 2009. Species composition and plant use in old urban homegardens in Rio Claro, Southeast of Brazil. **Acta Botanica Brasilica** **23**: 1057-1075.
- EMPERAIRE, L.; ELOY, I.E. 2008. A cidade, um foco de diversidade agrícola no Rio Negro (Amazonas, Brasil)? **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi** **3**: 195-211.
- FRANKLIN, J.F., LINDENMAYER, D.B. 2009. Importance of matrix habitats in maintaining biological diversity. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United State of America** **106**:349–350
- GALLUZZI, G.; EYZAGUIRRE, P.; NEGRI, V. 2010. Home gardens: neglected hotspots of agro-biodiversity and cultural diversity. **Biodiversity & Conservation** **19** (13): 3635-3654.
- HODGSON, R.; FRENCH, K.; MAJOR, R.E. 2007. Avian movement across abrupt ecological edges: differential responses to housing density in an urban matrix. **Landscape and Urban Planning** **79**:266–272
- KUHN, K.I.; MOSBRUGGER, V.; KLOTZ, S. 2008. Do protected areas in urban and rural landscapes differ in species diversity. **Biodiversity Conservation** **17**:1595-1612.
- KUPER, A. 2002. **Cultura: a visão dos antropólogos**/ Adam Kuper; tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru, SP: EDUSC
- LAMONT, S.R.; ESHBAUGH, W.H.; GREENBERG, A.M. 1999. Species composition diversity and use of homegardens among three Amazonian villages. **Economic Botany** **53**: 312-326
- LEITÃO, F.; FONSECA-KRUEL, V.S.; SILVA, I.M.; REINERT, F. 2009. Urban ethnobotany in Petrópolis and Nova Friburgo (Rio de Janeiro, Brasil). **Revista Brasileira de Farmacognosia** **19**:333-342.
- LIMA, C.B.; BELLETTINI, N.M.T.; SILVA, A.S.; CHEIRUBIM, A.P. JANINI, J.K.; VIEIRA, M.A.V.; AMADOR, T.S. 2007. Uso de plantas medicinais pela população da zona urbana de Bandeirantes-PR. **Revista Brasileira de Biociências** **5**: 600-602.

- LOSOSOVÁ, Z.; HORSÁK, M.; CHYTRÝ, M.; CEJKA, T.; DANIHELKA, J.; FAJMON, K.; HAJEK, O.; JURICKOVA, L.; KINTROVA, K.; LANIKOVA, D.; OTYPKOVA, Z.; REHOREK, V.; TICHY, L. 2011. Diversity of Central European urban biota: effects of human-made habitat types on plants and land snails. **Journal of Biogeography** **38**: 1152–1163
- LOUREIRO, J.C. 2012. Quintais de Olinda – uma leitura indiciária sobre sua gênese. **Anais do Museu Paulista** **20 (1)**: 231-281
- LUBBE, C.S.; SIEBERT, S.J.; CILLIERS, S.S. 2010. Political legacy of South Africa affects the plant diversity patterns of urban domestic gardens along a socio-economic gradient. **Scientific Research and Essays** **5(19)**: 2900-2910.
- MAIOLI-AZEVEDO, V.; FONSECA-KRUEL, V. 2007. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. **Acta Botanica Brasilica** **21**: 263-275.
- MARTIN, C.A.; WARREN, S.P.; KINZIG, A.P. 2004. Neighborhood socioeconomic status is a useful predictor of perennial landscape vegetation in residential neighborhoods and embedded small parks of Phoenix, AZ. **Landscape and Urban Planning** **69**: 355-368.
- NEVES, J.M. 2003. **Tecnologias da geoinformação para análises espaciais em sítios históricos**. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ciências Geodésicas e Tecnologias da Geoinformação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- OLIVEIRA, F.C.; ALBUQUERQUE, U.P.; FONSECA-KRUEL, V.S. HANAZAKI, N. 2009. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta botanica brasilica** **23(2)**: 590-605. 2009.
- OLIVEIRA, G.P.; OLIVEIRA, A.F.M.; ANDRADE, L.H. C. 2010. Plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Muribeca, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica** **24**: 571-577.
- OLIVEIRA, R.C. ET al. 1987. **A pós-modernidade**. Campinas: Editora da UNICAMP.
- PAVAO-ZUCKERMAN, A.; COLEMAN, D.C. 2007. Urbanization alters the functional composition, but not taxonomic diversity, of the soil nematode community. **Applied Soil Ecology** **35**: 329-339.
- PHILLIPS, O.; GENTRY, A.H. 1993a. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypothesis test with a new quantitative technique. **Economic Botany** **47**: 15-32.

- PHILLIPS, O.; GENTRY, A.H. 1993b. The useful plants of Tambopata, Peru: II. Statistical hypothesis test with a new quantitative technique. **Economic Botany**, **47**:33-43.
- PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente). 2011. **Anuario PNUMA – Temas Emergentes em Nosso Meio Ambiente Global**. PNUMA.Nairobi, Kenya.
- SILVA, L.O. 2004. Os quintais e a morada brasileira. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo** **11**(12): 61-78.
- SWYNGEDOUW, E. 2001. A cidade como um híbrido: natureza, sociedade e “urbanização-cyborg”. Pp. 83-104. In **A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas**. Rio de Janeiro, DP&A.
- TRATALOS, J.; FULLER, R.A.; WARREN, P.H.; DAVIES, R.G.; GASTON, K.J. 2007. Urban form, biodiversity potential and ecosystem services. **Landscape and Urban Planning** **83**: 308-317.
- VENDRUSCOLO, G.S.; RATES, S.M.K.; MENTZ, L.A. 2006. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia** **61**: 83-103.
- WERNER, P. The ecology of urban areas and their functions for species diversity. 2011. **Landscape and Ecological Engineering** **7**:231–240
- WERNER, P.; ZAHNER, R. 2009. Biological diversity and cities. BfN-Skript 245
- WHO (World Health Organization). 1998. **City Health Profiles: A review of progress**. World Health Organization Regional Office for Europe.
- WINKLERPRINS, A.M.G.A.; SOUZA, P.S. 2005. Surviving the City: Urban Homegardens and the Economy of Affection in the Brazilian Amazon. **Journal of Latin American Geography** **4** (1): 107-126.
- WINKLERPRINS, A.M.G.A. 2002. House-lot gardens in Santarém, Pará, Brasil: Linking rural with urban. **Urban Ecosystems** **6**: 43-65.
- WINKLERPRINS, A.W.; OLIVEIRA, P.S.S. 2010. Agricultura urbana em Santarém, Pará, Brasil: diversidade e circulação de plantas cultivadas em quintais urbanos. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi** **5** (3): 571-585
- YLI-PELKONEN, V.; KOHL, J. 2005. The role of local ecological knowledge in sustainable urban planning: perspectives from Finland. **Sustainability: science, practice and policy** **1**: 3-13.

4 MANUSCRITO

**Conhecimento etnobotânico de moradores do Sítio Histórico de Olinda,
Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade**

Manuscrito submetido ao periódico “Rodriguesia”

Conhecimento etnobotânico de moradores do Sítio Histórico de Olinda, Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade

Edvaldo Amaro dos Santos¹ – Laise de Holanda Cavalcanti Andrade¹

¹Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Centro de Biociências, Departamento de Botânica, Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Av. Prof. Moraes Rego s/n, Cidade Universitária, 50670-901, Recife, PE, Brasil.

Autor para correspondência: edvaldoasantos2@gmail.com

Resumo

Olinda (Pernambuco, Brasil) foi declarada pela UNESCO “Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade”, e “Registro Memória do Mundo no Brasil”. Considerando que o conhecimento etnobotânico é parte imaterial desse patrimônio, investigou-se a relação de moradores de bairros componentes do Sítio Histórico (Amparo, Bonsucesso e Carmo) com as plantas existentes nas residências. Incluiu-se um bairro não tombado, na região peri-urbana da cidade. Realizou-se entrevistas semi-estruturadas (48) e verificou-se a associação da riqueza de espécies cultivadas com a riqueza do conhecimento, a área verde disponível e o tempo de moradia (teste de correlação de Spearman). A distribuição de plantas úteis e conhecimento dos entrevistados nos bairros e na localidade periurbana foram avaliados através do teste de Kolmogorov-Smirnov. Utilizou-se o índice de Jaccard e UPMGA nas análises de similaridade florística e agrupamento. Empregou-se o programa estatístico “R”, versão 2.15.2, nível de confiança de 95%. Foram citadas 346 espécies, empregadas, sobretudo, no paisagismo, cuidados da saúde e alimentação. A riqueza do conhecimento do morador foi o fator mais influente na riqueza de plantas cultivadas na residência, seguida da área disponível. O conhecimento e práticas de cultivo dos moradores não mostraram diferenças marcantes, em termos das categorias de uso, predominando as plantas ornamentais e medicinais.

Palavras-chave: jardins residenciais; quintais urbanos; patrimônio imaterial

Abstract

Ethnobotanical knowledge of Olinda's historical site's inhabitants, Natural and Cultural Heritage of Humanity

Olinda (Pernambuco, Brazil) has been declared Natural and Cultural Heritage of Humanity by UNESCO, and World's Record Memory in Brazil. Considering that the ethnobotanical knowledge is an intangible part of this heritage, the relation between inhabitants from the historical site's neighborhoods (Amparo, Bonsucesso and Carmo) and the plants found in their homes was assessed. Another non-heritage listed neighborhood from the outskirts of the city was included. Semi-structured surveys (48) were carried out and the association between the variety of species and richness of knowledge was analyzed, as well as available green area and inhabited periods (Spearman's Correlation Test). The distribution of useful plants and knowledge of the interviewees in the neighborhoods and in the peri-urban location were evaluated through the Kolmogorov-Smirnov test. The Jaccard index and UPMGA were used in analyzes of floristic similarity and clustering. The statistical program "R", version 2.15.2, and a 95% confidence level were applied. A total of 346 species were mentioned, mainly used in landscaping, health care and food. The richness of the resident's knowledge was the most influential factor in the wealth of plants grown in the residence, followed by the available area. The knowledge and cultivation practices of the residents did not show remarkable differences in terms of the categories of use, predominating ornamental and medicinal plants.

Keywords: residential gardens; urban backyards; intangible heritage

Introdução

A urbanização provoca novas formas de produção, organização e utilização do espaço, e também influencia novos padrões de relações humanas e culturais (Agier 2011; Souza 2011b). No mundo todo, o crescimento das cidades implicou em uma diminuição da disponibilidade de espaços

verdes, deixando, aparentemente, o espaço e a vida social urbana dissociados das vivências de conhecimentos e práticas ecológicas (Duncan *et al.* 2011; Lososová *et al.* 2011).

Pesquisas recentes vêm demonstrando que, quando há lugar e tempo disponível em suas residências, moradores se esforçam e cuidam de jardins e quintais, colaborando na manutenção das matrizes e mosaicos vegetais, em meio às dinâmicas e fragilidades próprias da vida urbana (Oliveira 2010). São pessoas com modos e sentidos de vida urbanos, mas que conseguem preservar e expressar os saberes e atitudes aprendidos com os familiares e amigos.

Fundada em 1537, a cidade de Olinda, situada no litoral Norte do estado de Pernambuco, nordeste do Brasil, foi declarada pela UNESCO Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade em 1982 e Registro Memória do Mundo no Brasil, em 2008. Os quintais do Sítio Histórico de Olinda são característicos da colonização portuguesa no Brasil (Loureiro 2012). Inicialmente constituíram espaços dedicados ao convívio familiar e ao trabalho doméstico, o que abrangia o plantio de tubérculos e frutas para subsistência (Dourado 2004; Silva 2004).

Nos últimos 20 anos, a população de Olinda cresceu em 50 mil habitantes enquanto a taxa de áreas verdes no município diminuiu cerca de 21% (Ferreira & Ferreira 2013). Devido ao tombamento, as alterações na região do Sítio Histórico foram mínimas em relação aos bairros do seu entorno e à área peri-urbana de Olinda. Para essa realidade, além das políticas de conservação das construções tombadas pela UNESCO, provavelmente contribuíram a existência de jardins e quintais residenciais e, principalmente, o conhecimento etnobotânico dos seus moradores.

No presente trabalho, considerando que o conhecimento tradicional faz parte do patrimônio natural e cultural (Andrello & Ferreira 2008), investigou-se a riqueza de espécies dos quintais residenciais e os usos a elas atribuídos pelos moradores do Sítio Histórico. Considerando a existência de um gradiente no conhecimento e práticas ecológicas, desde áreas rurais até os centros urbanos, perpassando pelas áreas peri-rurais e peri-urbanas, pressupõe-se que, à medida que a urbanização se intensifica em Olinda, prevalecem os saberes e práticas relacionados aos usos

medicinais e ornamentais das plantas, provavelmente os mais relacionados ao combate e prevenção do estresse urbano.

Materiais e Métodos

O município de Olinda integra a Região Metropolitana do Recife, no estado de Pernambuco, Brasil (figura 1). A população de 377.779 habitantes se distribui ao longo de 41,68 Km², o que lhe confere uma das maiores densidades demográficas do Brasil e taxa de urbanização de 98% (IBGE 2010). A vegetação original é a Floresta Atlântica, com associações a manguezal e restinga. O clima é quente e úmido, com média anual de temperatura e precipitações pluviométricas de 27°C e 2.422,4 mm (Köppen: As').

A origem do Sítio Histórico se relaciona à fundação da vila de Olinda, em 1537 (Loureiro 2012). Em 1982, devido à conservação da paisagem e suas construções, o Sítio foi declarado Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade, pela UNESCO. Ainda na década de 1980 a cidade de Olinda também conquistou os títulos “Monumento Nacional” e “Cidade Ecológica”; e em 2008 recebeu o seu segundo título da UNESCO, o “Registro Memória do Mundo no Brasil”.

A área do Sítio Histórico tombada pela UNESCO abrange 1,89 Km², com cerca de 2.900 habitações e 11400 habitantes (IBGE 2010). No seu entorno foi demarcado um polígono de preservação com 7,84 km², o equivalente a um quinto do território municipal. A pesquisa foi realizada no setor residencial dos bairros Amparo, Bonsucesso e Carmo, totalmente inclusos no polígono de tombamento, e uma localidade na região peri-urbana desse município, identificada pelos moradores como uma expansão do bairro Ouro Preto (Figura 1).

A constituição da área peri-urbana, na porção centro-norte de Olinda, remonta à época da extração de fosfato, no século XX, e subsequente dedicação do solo para atividades do pequeno produtor rural, o que impossibilitou o loteamento para fins urbanos (Souza 2011a). A legislação municipal classifica essa região como zona rural mas as características urbanísticas, socioeconômicas e a contiguidade da zona urbana, melhor a definem como área peri-urbana.

No Sítio Histórico as casas são de alvenaria, térreas, providas dos serviços de água, esgoto e eletricidade. A maioria está disposta lado a lado (geminada) e inserida em um quarteirão quadrado ou tendendo para o quadrado. O traçado das ruas é irregular e tortuoso (figura 2). Na área peri-urbana, as casas são de alvenaria e conectadas à rede elétrica, na maioria isoladas. Os serviços de água e esgoto são insatisfatórios.

A área de estudo foi dividida em quadrantes de 300 x 300 m, conforme Loram *et al.* (2011). Nos quadrantes com mais de 25% de área residencial selecionou-se pelo menos uma casa, para verificar a existência de plantas cultivadas e realizar entrevista semi-estruturada com o chefe da família, homem ou mulher. As autorizações para o estudo constam em termos de consentimento livre e esclarecido, para os entrevistados, e registro no Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE (Nº 130/09).

As informações sobre os jardins e quintais, conhecimento e cultivo de plantas foram adquiridas através de 48 entrevistas, que abordaram aspectos socioeconômicos dos entrevistados e um inventário das plantas úteis. Solicitou-se uma lista com os nomes vernaculares das plantas, seus usos e informações sobre a origem e transmissão desse conhecimento. Conversas informais e turnês-guiadas permitiram complementar as informações e coletar as plantas nas residências. Exemplares das plantas citadas nas entrevistas e cultivadas nas residências foram coletados em fase reprodutiva, para identificação; algumas espécies foram apenas fotografadas, devido restrições impostas pelos entrevistados, por se tratar de espécimes únicos. Exsicatas foram depositadas no Herbário IPA, onde foram confirmadas as identificações.

Análise dos dados

Empregou-se o índice de riqueza do conhecimento (Araújo *et al.* 2012) para avaliar o conhecimento dos entrevistados sobre as plantas, construindo-se uma matriz binária com as citações de uso das espécies por cada informante.

O índice foi calculado através da fórmula $KRI=1/\sum J_i^2$, onde J_i é a razão do número de espécies citadas por um informante e o total de espécies mencionadas por todos os informantes. A

proporção aumenta à medida que são citadas mais espécies únicas. O resultado varia entre zero e o infinito; quanto mais baixo for o valor calculado maior será a riqueza.

A associação da riqueza de espécies cultivadas com a riqueza do conhecimento, a área verde disponível e o tempo de moradia foram verificados por meio do teste de correlação de Spearman. A distribuição de plantas úteis e conhecimento dos entrevistados nos bairros Amparo, Carmo e Bonsucesso, no Sítio Histórico, e na localidade peri-urbana foram avaliados por meio do teste de Kolmogorov-Smirnov. Empregou-se análises de similaridade florística e agrupamento: índice de Jaccard e método UPMGA (Albuquerque *et al.* 2010). Todos os testes foram realizados com o programa “R”, versão 2.15.2, considerando um nível de confiança de 95%.

Resultados e discussão

Os 48 entrevistados, 90% com idade superior a 40 anos, em sua maioria mulheres (77%), são nascidos e criados na Região Metropolitana do Recife (75%). Os demais provêm de regiões variadas em Pernambuco (4%), outros estados do Nordeste (4%) e Sudeste (8%); apenas uma moradora no bairro Amparo possui dupla nacionalidade. O tempo de moradia na residência atual geralmente supera uma década (73%), o que permite a criação e manutenção de jardins e quintais arborizados.

Prevaleceu o nível de escolaridade médio ou superior (65%). Aqueles que relataram não ter frequentado a escola ou que cursaram até o nível fundamental (19%) residem, principalmente, na localidade peri-urbana. Segundo Chen & Jim (2010) e Bernholt *et al.* (2009) à medida que as pessoas dedicam esforços para instrução formal, em especial a ambiental, compreendem melhor os conceitos de biodiversidade e se interessam mais por questões ambientais. Contudo, a noção de “vida natural” independe do grau de instrução. Conforme Troy *et al.* (2007), o estilo de vida é preponderante sobre a tolerância à presença e cuidado das plantas.

Devido à ampla faixa etária (22 a 92 anos), a atividade principal dos entrevistados é variada e inclui estudantes (4%), aposentados (27%) e trabalhadores assalariados (60%). Nos bairros do Sítio Histórico sobressaíram as ocupações relacionadas ao poder público ou de interesse público, os

técnicos de nível médio, e os profissionais das ciências e das artes, alguns mais afeitos ao trato laboral com as plantas, como os arquitetos e os artistas plásticos. Quatro mulheres aposentadas, todas residentes na localidade peri-urbana, mencionaram ter trabalhado sempre como agricultoras; os demais moradores nessa região se declararam autônomos, ou apenas cuidam dos afazeres domésticos, o que inclui o cuidado das plantas.

Considerando as classes sociais estabelecidas pelo IBGE, por faixas de salário mínimo, predominam as classes E, até dois salários mínimos (23%) e D, até quatro salários mínimos (38%); poucos se enquadram nas classes C, até 10 salários mínimos (25%) e B, até 20 salários mínimos (2%). Alguns (12%) não quiseram informar a renda familiar. A localidade peri-urbana reuniu os moradores com a renda mais baixa, onde 67% recebem até um salário mínimo.

No bairro Amparo todas as moradias visitadas apresentaram um quintal amplo, geralmente nos fundos do terreno, com extensão até a outra rua da quadra (Figura 2). Nos bairros Carmo e Bonsucesso prevaleceram casas com jardins frontais, laterais ou internos (75% e 92%, respectivamente). No Carmo, apenas metade das residências possuíam quintais, todas com um relevo mais acidentado. No Bonsucesso, os quintais foram frequentes em 58% das propriedades. Alguns desses quintais são adjacentes ao sítio dos Manguinhos, também conhecido como Horto D'El Rei, que durante o período colonial funcionou como um centro para aclimação de plantas e atualmente constitui uma propriedade privada inserida em uma zona de proteção ambiental municipal (Meunier & Silva 2009).

Na área peri-urbana, as casas dos entrevistados apresentam um quintal circundante (67%) ou um jardim frontal ou lateral (33%).

Vários estudos não encontraram qualquer relação entre a área disponível com a riqueza de espécies nos quintais, porém alguns autores relatam uma influência no número de indivíduos (Albuquerque *et al.* 2005; Eichemberg *et al.* 2009; Millat-e-Mustafa *et al.* 1996; Moura & Andrade 2007). Um fato sempre mencionado pelos entrevistados refere-se ao plantio de árvores, que leva em consideração, além da área disponível, a distância entre a casa e o local onde a muda será plantada,

prevendo a possibilidade de danos estruturais provocados pelas raízes ou pela queda de galhos e folhas nos telhados. O teste de correlação de Spearman revelou associação positiva entre a riqueza de plantas úteis nas residências e a disponibilidade de áreas para o plantio (tabela 1). Assim, onde havia uma maior área disponível ocorreram mais espécies arbóreas, como *Anacardium occidentale* L. (cajuero), *Mangifera indica* L. (mangueira) e *Spondias mombin* L. (cajazeira). Não se verificou associação com o tempo de moradia, mas sim com o índice de riqueza do conhecimento sobre plantas (KRI) do morador, com correlação entre boa e elevada.

Do total de plantas conhecidas pelos entrevistados, 88% são cultivadas nos quintais e jardins, plantadas no chão, em vasos, canteiros artificiais, ou dispostas em suportes de madeira ou fibra de coco. Predominam ervas (55%), seguidas pelos arbustos (25%) e árvores (20%). Plantas não disponíveis na própria moradia raramente são adquiridas para uso a partir da coleta em vias e praças públicas, sendo a maioria obtida por compra ou doação por amigos e parentes nas vizinhanças do bairro. Essa interação interpessoal favorece a troca de informações e a apropriação de novos conhecimentos. Raramente os entrevistados mencionaram os meios de comunicação de massa, instituições de ensino formal ou religiosas como fonte de aprendizado.

O repasse de saberes é praticado para os familiares por 34% dos entrevistados enquanto outros 32% preferem ensinar para pessoas estranhas que conhecem nas vizinhanças do bairro ou no trabalho; os demais mencionaram não praticar com frequência esse repasse.

Os 48 entrevistados residentes no Sítio Histórico e área peri-urbana de Olinda citaram 346 espécies de plantas, abrangendo pteridófitas (4%), gimnospermas (1%) e angiospermas (95%), distribuídas em 85 famílias e 273 gêneros (Apêndice). Algumas das plantas citadas foram identificadas até o nível genérico (8%) e 2% não foram identificadas. As espécies exóticas (64%), naturalizadas ou cultivadas, predominaram sobre as nativas (35%), um fato identificado por Amoroso (2002) como um processo de seleção por plantas cultivadas e invasoras cosmopolitas nas sociedades urbanizadas.

Araceae (21 spp), Fabaceae (18 spp), Asparagaceae (16 spp), Asteraceae (15 spp), Lamiaceae (12 spp), Apocynaceae (11 spp), Arecaceae (11spp) e Poaceae (11 spp) se destacaram pelo número de espécies citadas (Apêndice). Com base no número de citações de uso se destacaram espécies de Asparagaceae, Lamiaceae, Araceae, Arecaceae, Myrtaceae, Anacardiaceae e Poaceae. Todas estão incluídas, principalmente, nas categorias de uso mais representativas, em termos do número de espécies: ornamental (71%), medicinal (23%) e alimentício (23%) (figuras 3 e 4).

As espécies mais citadas pelos entrevistados, comumente presentes em suas moradias, foram *Eugenia uniflora* L. (pitangueira, 49 citações), *Sansevieria trifasciata* Prain (espada-de-são-jorge, 47), *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf (capim-santo, 46), *Cocos nucifera* L. (coqueiro, 43), *Alpinia zerumbet* (Pers.) B.L.Burt & R.M.Sm. (colônia, 38), *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson (erva-cidreira, 36) e *Dieffenbachia picta* Schott (comigo-ninguém-pode, 31). Entre outros usos, destinam-se a sanar casos simples de disfunções digestivas ou respiratórias, sintomas relacionados ao estresse, bem como contribuem para a sensação de bem-estar doméstico e ambiental, através da ornamentação do interior e das fachadas das casas (Apêndice).

Percebe-se que os moradores no Sítio Histórico de Olinda empregam o seu conhecimento na melhoria da qualidade de vida e condições de saúde, quer por necessidades particulares, quer por opção de “vida natural”, o que abrange o cultivo e consumo doméstico de plantas sem agrotóxicos e fertilizantes solúveis. Na área peri-urbana de Olinda, embora ainda guarde heranças do passado rural, também predomina a utilização dos quintais para fins tipicamente urbanos, como o combate ao estresse por meio do cultivo e o contato com as plantas. Esses dados coincidem com outros estudos desenvolvidos em áreas urbanas no Brasil (Amaral & Guarim-Neto 2008; Carniello *et al.* 2010; Eichemberg *et al.* 2009; Ottmann *et al.* 2011a,b; Semedo & Barbosa 2007; Silva & Proença 2008; Winklerprins & Oliveira 2010).

Em especial, a aproximação do centro urbano favorece o predomínio de plantas ornamentais nas residências, que perde importância à medida que as moradias avançam em direção às áreas rurais, onde aumenta a diversidade das outras categorias que concentram usos prioritários (Lamont

et al. 1999; Albuquerque *et al.* 2005). A distribuição da riqueza de plantas nas residências, por categoria de uso, nos bairros do Sítio Histórico e na área peri-urbana de Olinda mostrou semelhança quanto às espécies ornamentais, e foi maior nesta última nas categorias alimentícia e medicinal (tabela 2). Nas demais categorias de uso, as riquezas de espécies não variaram com significância estatística.

A análise da similaridade florística revelou pequenas semelhanças entre as flóras nas residências do bairro Bonsucesso com as da área peri-urbana, nas categorias medicinal e alimentícia, e entre esta e as residências do bairro Amparo, nas categorias ornamental e místico-religiosa; todos os valores inferiores a 0,3 (figura 5).

Considerando-se a riqueza (KRI) e o grau de compartilhamento do conhecimento (KSI) de cada entrevistado, os valores de KRI referentes às categorias alimentícia e ornamental foram superiores, entre os moradores do bairro Amparo, em relação aos outros bairros e área periurbana. Ao mesmo tempo, os valores de KSI foram inferiores, significando uma maior individualização do conhecimento desses moradores, em relação aos residentes em áreas rurais (Sogbohossou *et al.* 2015; Araujo *et al.* 2012). Nas demais categorias de uso, os índices KRI e KSI não variaram com significância estatística (tabela 2).

No Sítio Histórico e na área peri-urbana é bem evidente um processo de seleção ou estabilização dos usos de algumas espécies medicinais com eficácia amplamente reconhecida, sobretudo para o combate a disfunções gastrointestinais e respiratórias, como *Aloe vera* (L.) Burm.f. (erva-babosa), *Cymbopogon citratus* (capim-santo), *Jatropha gossypifolia* L. (pinhão-roxo), *Lippia alba* (erva-cidreira), *Mangifera indica* (mangueira), *Psidium guajava* L. (goiabeira), *Plectranthus barbatus* Andr. (boldo) e *Punica granatum* L. (romã) (Albuquerque *et al.* 2005; Au *et al.* 2008; Bernholt *et al.* 2009; Ceuterick *et al.* 2008; 2011; Giraldi & Hanazaki 2010; Jacoby *et al.* 2002; Oliveira *et al.* 2010; Petkeviciute *et al.* 2010; Wezel & Bender 2003). Essa estabilização resultaria da reunião de alguns fatores, como baixa gravidade dos sintomas tratados, maior popularidade, facilidade ou preferência de cultivo das espécies.

Principalmente consideradas como alimentícias se destacaram as frutíferas *Anacardium occidentale* (cajueiro), *Annona squamosa* L. (pinha), *Carica papaya* L. (mamoeiro), *Cocos nucifera* (coqueiro), *Eugenia uniflora* (pitangueira), *Malpighia emarginata* DC. (aceroleira), *Mangifera indica* (mangueira), *Musa x paradisiaca* L. (bananeira) e *Persea americana* Mill. (abacateiro), quase todas exóticas, consumidas, preferencialmente, in natura (Apêndice).

Algumas plantas de uso medicinal, como *Ananas comosus* (L.) Merrill (abacaxizeiro), *Ocimum gratissimum* L. (alfavaca-de-caboclo), *Lactuca sativa* L. (alface) e *Sicyos edulis* Jacq. (chuchuzeiro) também estão incluídas na dieta alimentar. Outras, além de reunir os usos medicinal e ornamental, também se destinam ao sombreamento das casas, como *Bauhinia* sp (pata-de-vaca), *Paubrasilia echinata* (Lam.) Gagnon, H.C.Lima & G.P. Lewis (pau-brasil), *Clitoria fairchildiana* R.A. Howard (sombreiro) e *Filicium decipiens* (Wight & Arn.) Thwaites (filício) (Apêndice).

Devido ao potencial ornamental ou às propriedades medicinais e alimentícias, algumas das espécies com ocorrência espontânea são toleradas nos jardins e quintais, destacando-se entre as mais frequentes *Peperomia pellucida* (L.) Kunth, *Piper umbelatum* L. e *Pilea microphylla* (L.) Liebm. (Apêndice).

Poucas espécies foram referidas como de uso místico-religioso (7%), e raramente são de uso exclusivo, como *Ruta graveolens* L. (arruda) e *Ricinus communis* L. (mamona) (Apêndice e Figura 4). Frequentemente, as plantas místicas agregaram usos múltiplos, como *Dieffenbachia picta* (comigo-ninguém-pode) e *Tetradenia riparia* (Hochst.) Codd (mirra), que além de proteger a casa contra forças negativas e simbolizar a devoção cristã, também se destinam à ornamentação do interior e fachadas das casas. *Alpinia zerumbet* (colônia) e *Jatropha gossypifolia* (pinhão-roxo), além do emprego em banhos de descarrego e benzeduras também combatem a hipertensão e a micose oral (Apêndice).

Uma razão para a limitação do conhecimento e uso de plantas místico-religiosas no Sítio Histórico pode ser o fato de poucos entrevistados integrarem religiões que cultuam a natureza, como as afro-brasileiras (Crepaldi & Peixoto 2010; Pires *et al.* 2009). De modo geral, as práticas

místico-religiosas envolvem um tipo de conhecimento mais amplamente aceito pela tradição cristã europeia. Cabe ressaltar a forte atmosfera religiosa do Sítio Histórico, com muitas igrejas e conventos cristãos. Os cultos afro-brasileiros se destacam, sobretudo, na periferia de Olinda, em especial, os realizados pela Nação Xambá, no bairro de São Benedito (Carvalho *et al.* 2011; Lima *et al.* in Albuquerque *et al.*, 2005).

Para alimento e tratamento de animais de criação foram citadas *P. microphylla*, *M. indica*, *Panicum maximum* Jacq. (capim) e *Momordica charantia* L. (melão-de-são-caetano). Já a alimentação de animais silvestres é feita com *Bunchosia armeniaca* (Cav.) DC. (cerejeira), *E. uniflora*, *Russelia equisetiformis* Schltdl. & Cham. (milindrão), *Solanum americanum* Mill. (ervamoura) e *A. occidentale* (Apêndice). O melão-de-são-caetano foi também indicado para a limpeza das roupas e *Azadirachta indica* A. Juss. (nim) e *Cymbopogon winterianus* Jowitt ex Bor (citronela), como repelentes de insetos. Essa última também citada como desinfetante e cosmético.

Na categoria construção as plantas são utilizadas exclusivamente para cercas vivas, sobretudo, na área peri-urbana de Olinda, incluindo 11 lenhosas e cinco herbáceas. Destacou-se pela frequência de uso e presença nas residências *Hibiscus rosa-sinensis* L. (papoula) e *Polyscias guilfoylei* (W.Bull) L.H. Bailey (croto). De uso tecnológico foram citadas *Aspidosperma* sp (peroba), *Bowdichia* sp (sucupira), *Paubrasilia echinata* (pau-brasil), *Cedrela* sp (cedro), *Laurus nobilis* L. (louro), *Plathymenia* sp (vinhático) e *Jacaranda* sp (jacarandá amarelo); todas citadas por apenas um dos entrevistados, aposentado, residente no bairro Carmo, que as adquire em madeireiras para a fabricação de móveis artesanais (Apêndice).

Conclusões

A conservação das residências no Sítio Histórico de Olinda, com áreas dedicadas a quintais e jardins, contribui para a manutenção do patrimônio cultural relacionado com o conhecimento etnobotânico dos moradores, revelado pela diversidade de plantas úteis nelas existentes.

A escolha das espécies a serem cultivadas leva em consideração as preocupações dos moradores com a melhoria da qualidade de vida e condições de saúde, principal função atribuída aos jardins e quintais do Sítio Histórico e da área periurbana.

Agradecimentos

Os autores agradecem aos entrevistados, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, aos Drs. Eugênia Cristina, Fernando Mota, Iva Carneiro Leão Barros e Judas Tadeu Medeiros Costa da Universidade Federal de Pernambuco; Ina Vandebroek, do New York Botanical Garden; Thiago Araújo e Valdeline Atanásio, da Universidade Federal Rural de Pernambuco; Marcus Nadruz, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro; Roseli Barros e Genilson Alves, da Universidade Federal do Piauí; Maria Bernadete Costa e Silva, do Instituto Agrônomo de Pernambuco; e, às bacharéis Aurelúcia Santos e Lhaysa Ramos.

Referências

- Agier, M. 2011. Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos. Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 213 pp.
- Albuquerque, U. P.; Andrade, L. H. C.; Caballero, J. 2005. Structure and floristics of homegardens in Northeastern Brazil. *Journal of Arid Environments*, 62(3), 491-506
- Albuquerque, U. P.; Lucena, R.; Cunha L.V.F.C. 2010. Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. 1. ed. Recife: Nupeea, 2010. 558 p.
- Amaral, C.N. & Guarim-Neto, G. 2008. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 3 (3), 329-341.
- Amorozo, M.C.M. 2002. Uso e Diversidade de Plantas Medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Botanica Brasílica* 16 (2): 189-203.
- Andrello, G. & Ferreira, P.P. 2008. Conhecimento tradicional como patrimônio imaterial: mito e política entre os povos indígenas do rio Negro. *Cienc. Cult.* [online]. 60(1): 42-44.
- Araújo, T.A.S.; Almeida, A.L.S.; Melo, J.G.; Medeiros, M.F.T.; Ramos, M.A.; Silva, R.R.V.;

- Almeida, C.F.C.B.R.; Albuquerque, U.P. 2012. A new technique for testing distribution of knowledge and to estimate sampling sufficiency in ethnobiology studies. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 8, 11
- Au, D.T.; Wu, J.; Jiang, Z.; Chen, H.; Lu, G.; Zhao, Z. 2008. Ethnobotanical study of medicinal plants used by Hakka in Guangdong, China. *Journal of Ethnopharmacology*, 117, 41–50
- Bernholt, H., Kehlenbeck, K., Gebauer, J. and Buerkert, A. 2009. Plant species richness and diversity in urban and peri-urban gardens of Niamey, Niger', *Agroforestry Systems*, vol 77, pp. 159–179.
- Carniello, M.A.; Silva, R.S.; Cruz, M.A.B.; Guarim-Neto, G. 2010. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. *Acta Amazonica*, 40, 451-470
- Carvalho, C.A.; Bispo, D.A. Lira, R.O.S. 2011. Estratégias, disputas e dinâmicas territoriais no quilombo da Nação Xambá em Olinda. *Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, 9(2): 385-408
- Ceuterick, M., Vandebroek, I., Torry, B., Pieroni, A. 2008. Cross-cultural adaptation in urban ethnobotany: the colombian folk pharmacopeia in London. *Journal of Ethnopharmacology*, 120: 342-359.
- Ceuterick, M.; Vandebroek, I.; Pieroni, A. 2011. Resilience of Andean urban ethnobotanies: A comparison of medicinal plant use among Bolivian and Peruvian migrants in the United Kingdom and in their countries of origin. *Journal of Ethnopharmacology* 136: 27–54
- Chen, W.Y.; Jim, C. Y. Resident Motivations and Willingness-to-Pay for Urban Biodiversity Conservation in Guangzhou (China). 2010. *Environmental Management*, 45, 1052–1064
- Crepaldi, M.O.S. & Peixoto, A.L. 2010. Use and knowledge of plants by “Quilombolas” as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State,

Brazil. *Biodiversity Conservation*, 19:37-60

Dourado, G.M. 2004. Vegetação e quintais da casa brasileira. *Paisagem Ambiente: ensaios*, 19: 83-102

Duncan, R.P.; Clemants, S.E.; Corlett, R.T.; Hahs, A.K.; McCarthy, M.A.; McDonnell, M.J.; Schwartz, M.W.; Thompson, K. ; Vesk, P.A.; Williams, N.S.G. 2011. Plant traits and extinction in urban areas: a meta-analysis of 11 cities. *Global Ecology and Biogeography*, 20: 509–519

Eichemberg, M.T.; Amorozo, M.C.; Moura, L.C. 2009. Species composition and plant use in old urban homegardens in Rio Claro, Southeast of Brazil. *Acta Botanica Brasilica* 23: 1057-1075.

Ferreira, H.S. & Ferreira, R.V. 2013. Análise espaço-temporal da cobertura vegetal do município de Olinda-PE, utilizando imagens do sensor orbital tm/landsat 5. *Anais XVI Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto - SBSR*, Foz do Iguaçu, PR, Brasil, INPE.

Giraldi, M. & Hanazaki, N. 2010. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 24(2), 395-406

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Censo 2010. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br> (acesso em 09/08/2012).

Jacoby, C.; Coltro, E.M.; Sloma, D.C.; Müller, J.; Dias, L.M.; Luft, M.; Beruski, P.; Rondon Neto, R.M. 2002. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade rural de guamirim, município de Irati, PR. *Revista Ciências Exatas e Naturais*, 4(1), 79-87.

Lamont, S.R.; Eshbaugh, W.H.; Greenberg, A.M. 1999. Species composition diversity and use of homegardens among three Amazonian villages. *Economic Botany*, 53, 312-326.

Lima, M.S.C.; Silva, W.L.S.; Andrade, L.H.C. 2005. Plantas Místico-Religiosa em rituais da nação Xambá e na Ubanda. In: Albuquerque, U.P.; Almeida, C.F.C.B.R.; Marins, J.F.A. (Org.). *Tópicos em Conservação, Etnobotânica e Etnofarmacologia de Plantas Medicinais e Mágicas*. 1ed. Olinda: Livro Rápido-Elógica, V. 1, P. 77-100.

- Loram, A.; Warren, P.H.; Gaston, K.J. 2008a. Urban Domestic Gardens (XIV): The Characteristics of Gardens in Five Cities. *Environmental Management*, 42, 361–376
- Loram, A.; Thompson, K.; Warren, P.H.; Gaston, K.J. 2008b. Urban domestic gardens (XII): The richness and composition of the flora in five UK cities. *Journal of Vegetation Science* 19, 321-330
- Loram, A.; Warren, P.; Thompson, K.; Gaston, K. 2011. Urban Domestic Gardens: The Effects of Human Interventions on Garden Composition. *Environmental Management*, 48, 808–824
- Lososová, Z.; Horsak, M.; Chytrý, M.; Cejka, T.; Danihelka, J.; Fajmon, K.; Hajek, O.; Jurickova, L.; Kintrova, K.; Lanikova, D.; Otypkova, Z.; Rehorek, V.; Tichý, L. 2011. Diversity of Central European urban biota: effects of human-made habitat types on plants and land snails.
- Loureiro, J.C. 2012. Quintais de Olinda – uma leitura indiciária sobre sua gênese. *Anais do Museu Paulista* 20 (1): 231-281
- Meunier, I.M.J. & Silva, H.C.G. 2009. Horto d’el rey de Olinda, Pernambuco: história, estado atual e potencialidades da cobertura vegetal de uma área verde urbana (quase) esquecida. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*, 4(2), 62-81
- Millat-e-Mustafa, M.D., Hall, J.B., Teklehaimanotz, Z. 1996. Structure and floristics of Bangladesh homegardens. *Agroforestry Systems* 33, 263–280
- Moura, C.L. & Andrade, L.H.C. 2007. Etnobotânica em Quintais Urbanos Nordestinos: um Estudo no Bairro da Muribeca, Jaboatão dos Guararapes – PE. *Revista Brasileira de Biociências*, 5(1), 219-221
- Oliveira, G.P.; Oliveira, A.F.M.; Andrade, L.H. C. 2010. Plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Muribeca, Nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 24, 571-577.
- Ottmann, M.M.A.; Cruz, M.J.R.; Fonte, N.N. 2011a. Diversidade e uso das plantas cultivadas nos quintais do Bairro Fanny, Curitiba, PR, Brasil. *Revista Brasileira de Biociências*, 9,

39-49.

- Ottmann, M.M.A.; Fonte, N.N; Cardoso, N.A.; Cruz, M.R. 2011b. Quintais urbanos: agricultura urbana na Favela do Parolin, no bairro Fanny e no bairro Lindóia, Curitiba, Paraná. *Revista Acadêmica Ciências Agrárias e Ambientais*, Curitiba, 9(1), 101-109.
- Petkeviciute, Z.; Savickiene, N.; Savickas, A.; Bernatoniene, J.; Simaitiene, Z.; Kalveniene, Z.; Pranskunas, A.; Lazauskas, R.; Mekas, T.A. Urban ethnobotany study in Samogitia region, Lithuania. 2010. *Journal of Medicinal Plants Research*, 4, 064-071
- Pires, M.V.; Abreu, P.P.; Soares, C.S.; Souza, B. 2009. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. *Revista Brasileira de Biociências*, 7(1): 3-8.
- Semedo, R.J.C.G. & Barbosa, R.I. 2007. Árvores frutíferas nos quintais urbanos de Boa Vista, Roraima, Amazônia brasileira. *Acta Amazonica*, 37(4), 497 – 504
- Silva, L.O. 2004. Os quintais e a morada brasileira. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Belo Horizonte, 11(12), 61-78.
- Silva, C.S.P. & Proença, C.E.B. 2008. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 22(2), 481-492
- Sogbohossou, O.E.D.; Achigan-Dako, E.G.; Komlan, F.A.; Ahanchede, A. 2015. Diversity and Differential Utilization of *Amaranthus* spp. along the Urban-Rural Continuum of Southern Benin. *Economic Botany*, XX(X), 1–17
- Souza, R.S. 2011a. Território municipal de Olinda (PE): parcelamento do solo e diversidade dos espaços urbanos na Região Metropolitana do Recife. Tese (Programa de Pós-graduação em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Souza, M.L. 2011b. ABC do desenvolvimento urbano. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 192p.
- Troy, A.R.; Grove, J.M.; O’Neil-Dunne, J.P.M.; Pickett, S.T.A.; Cadenasso, M.L. 2007. Predicting Opportunities for Greening and Patterns of Vegetation on Private Urban

Lands. Environmental Management, 40, 394–412

Wezel, A., Bender, S. 2003. Plant species diversity of homegardens of Cuba and its significance for household food supply. Agroforestry Systems, 57, 39-49

Winklerprins, A.W.; Oliveira, P.S.S. 2010. Agricultura urbana em Santarém, Pará, Brasil: diversidade e circulação de plantas cultivadas em quintais urbanos. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi 5 (3), 571-585

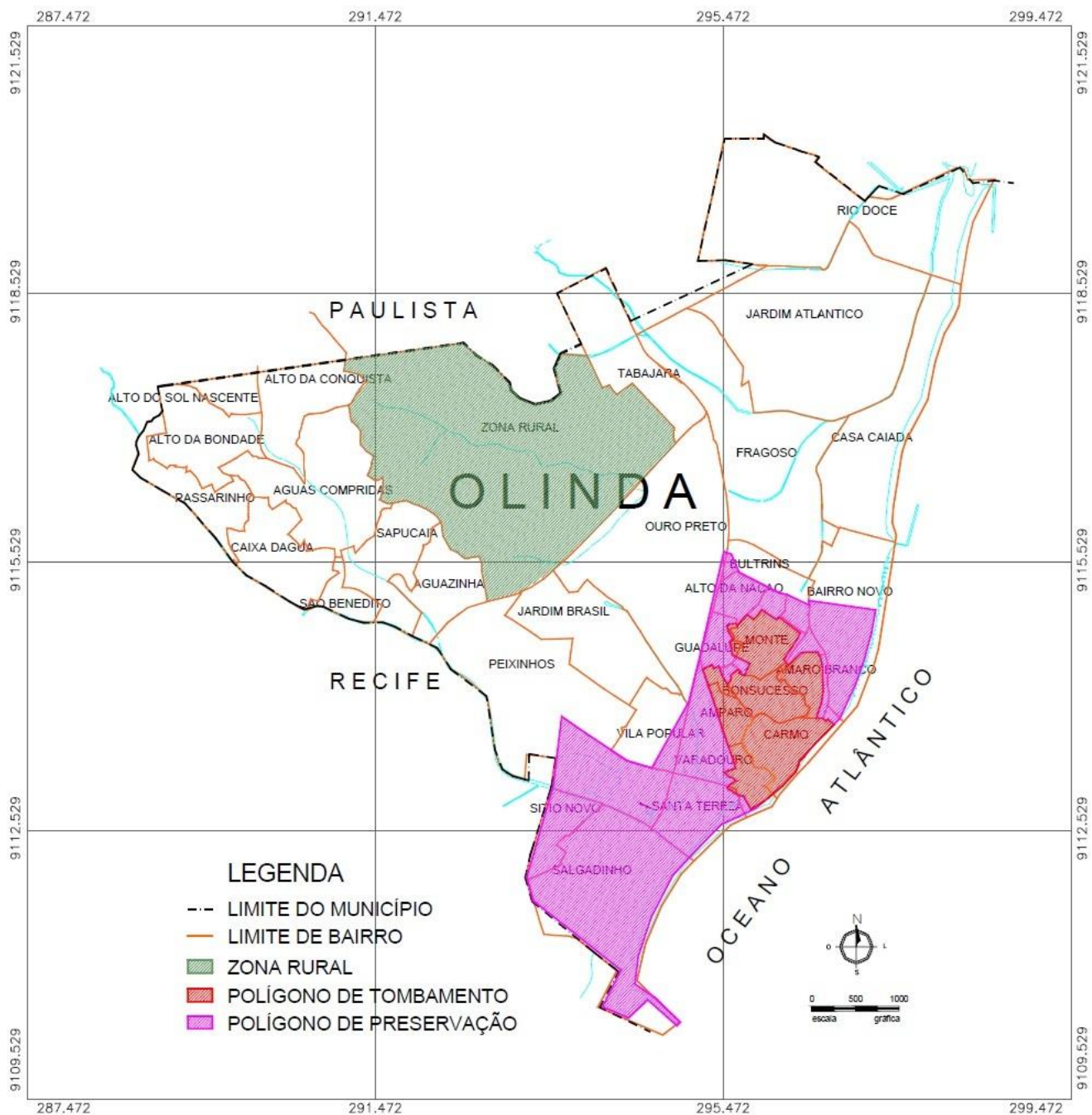


Figura 1. Localização da cidade de Olinda, com destaque para a área peri-urbana e o Sítio Histórico. Fonte: Neves (2003).



Figura 2. Aspectos de casas, quintais e jardins no Sítio Histórico, e na área periurbana de Olinda, Pernambuco, Brasil. A, Casas geminadas no bairro Varadouro; B, Quintal no bairro Amparo; C-D, Jardim frontal e interior no bairro Carmo. Fonte: E.Santos.

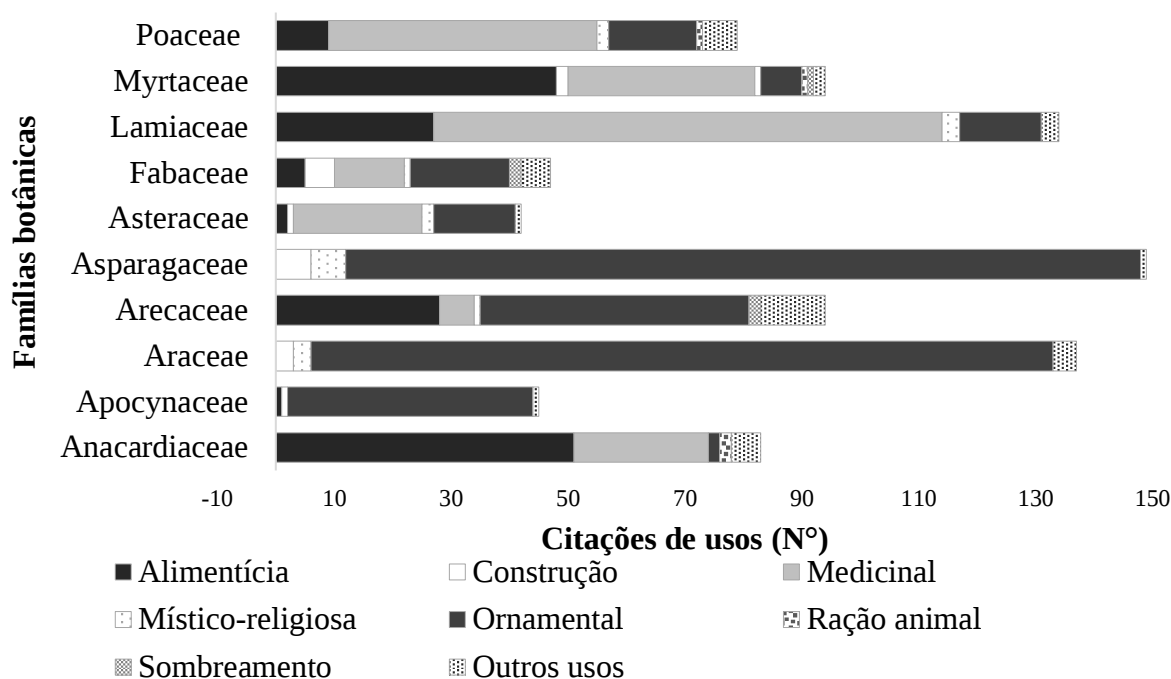


Figura 3. Famílias botânicas mais representativas em número de citações de usos e/ou totais de espécies citadas no Sítio Histórico e na localidade periurbana de Olinda, Pernambuco, Brasil, por categorias de usos.

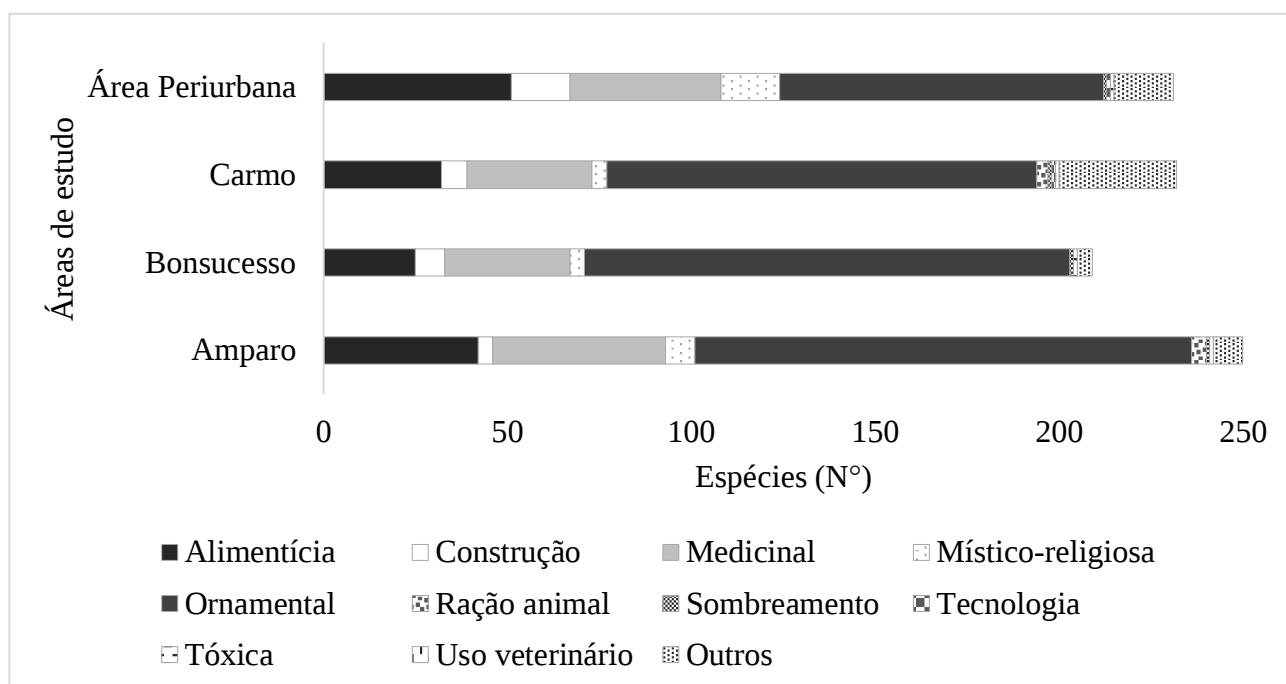


Figura 4. Número de espécies, por categorias de usos, nos bairros Amparo, Bonsucesso e Carmo, no Sítio Histórico, e área periurbana de Olinda.

Figura 5. Avaliação da similaridade florística (índice de Jaccard) e análise de agrupamento (método UPMGA) dos bairros Amparo (A), Bonsucesso (B) e Carmo (C) no Sítio Histórico de Olinda, e área periurbana dessa cidade (AP), por categoria de uso: a, medicinal; b, ornamental; c, alimentícia; d, construção; e, místico-religiosa.

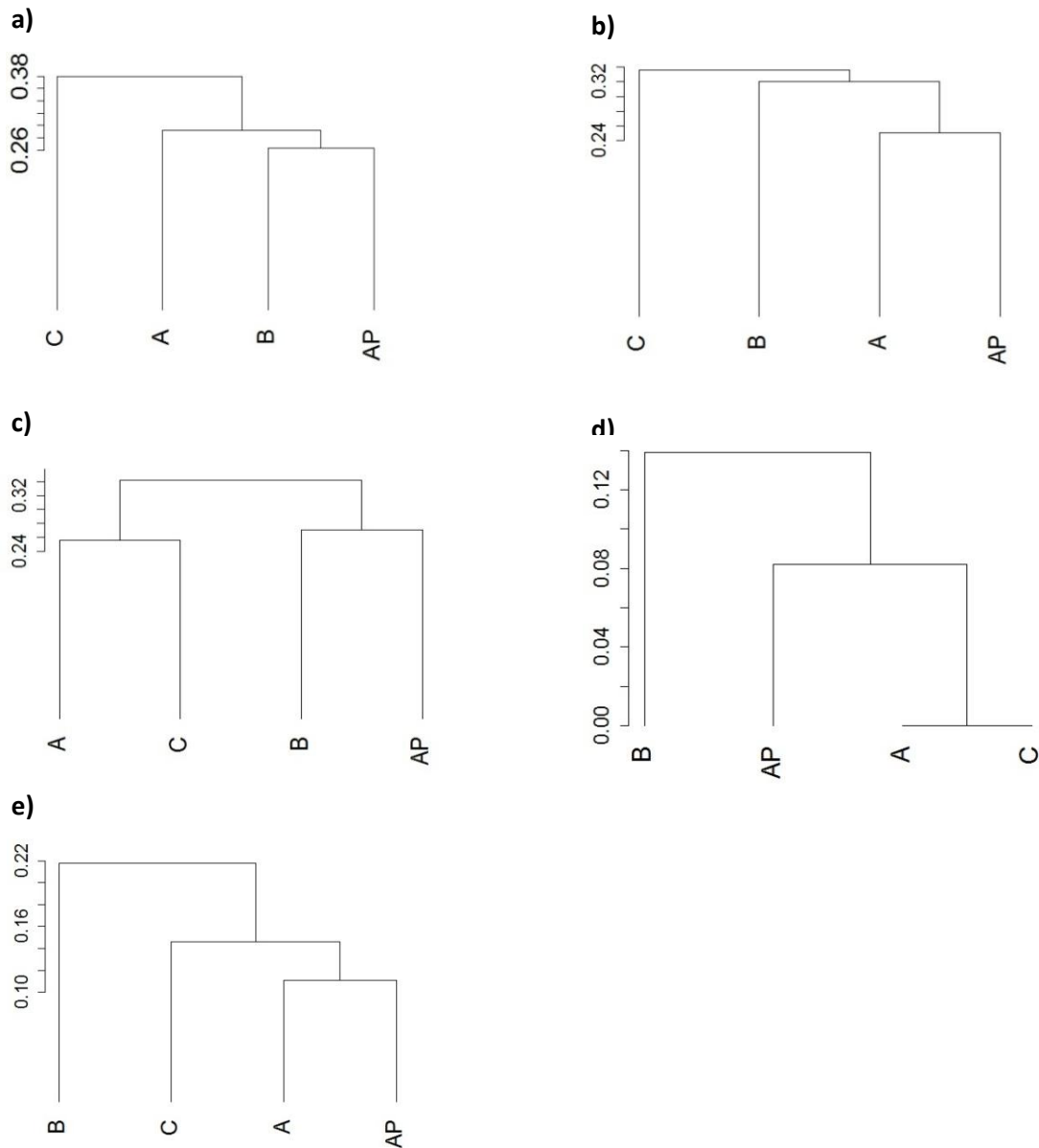


Tabela 1. Teste de correlação de Spearman referente à associação da riqueza de plantas úteis, por categoria de uso, com a disponibilidade de áreas verdes residenciais, o tempo de moradia e a riqueza do conhecimento (KRI) dos entrevistados no Sítio Histórico de Olinda, Pernambuco, Brasil.

Categorias de uso	Área Verde	Tempo de moradia	KRI
	rs (categoria); p	rs (categoria); p	rs (categoria); p
Medicinal	0.1285 (F); 0.3841	-0.0773 (F); 0.6016	-0.5405 (R); 7.328e-05
Alimentícia	0.5514 (R); 0.0002	0.0436 (F); 0.7865	-0.5193 (R); 0.0005
Ornamental	0.5189 (R); 0.0001	-0.0677 (F); 0.6440	-0.8712 (E); 3.973e-16
Místico-religiosa	0.1975 (F); 0.4322	-0.0799 (F); 0.7526	-0.0776 (F); 0.7594
Construção	0.6549 (B); 0.0287	-0.4054 (R); 0.2160	-0.6357 (B); 0.0356

Categorias de associação: Se $rs \leq 0.30 \Rightarrow$ associação fraca (F); $0.30 < rs \leq 0.60 \Rightarrow$ regular (R); $0.60 < rs \leq 0.70 \Rightarrow$ boa (B); $0.70 < rs \leq 0.99 \Rightarrow$ elevada (E); $rs = 1.00 \Rightarrow$ associação perfeita.

Tabela 2. Teste de Kolmogorov-Smirnov referente às distribuições das riquezas de espécies cultivadas (R), e, os índices de riqueza e grau de compartilhamento do conhecimento (KRI e KSI, nessa ordem) associados aos entrevistados nos bairros Amparo, Bonsucesso e Carmo, no Sítio Histórico, e área peri-urbana (Purb) de Olinda, por categorias de usos.

Categorias de usos	Índices	Locais (L ₁ x L ₂)					
		Carmo x Amparo	Carmo x Bonsucesso	Bonsucesso x Amparo	Purb x Carmo	Purb x Amparo	Purb x Bonsucesso
		p	p	p	p	p	p
Medicinal	R	0,64	0,64	0,38	0,06	0,02*	0,02*
	KRI	0,81	0,66	0,91	0,72	0,62	0,39
	KSI	0,81	0,66	0,91	0,72	0,62	0,39
Alimentícia	R	0,59	0,50	1,00	0,05	0,05	0,04*
	KRI	0,48	0,64	0,04*	0,87	0,91	1,00
	KSI	0,48	0,64	0,04*	0,87	0,91	1,00
Ornamental	R	0,59	0,47	0,72	0,98	1,00	1,00
	KRI	0,13	0,72	0,26	0,16	0,01*	0,01*
	KSI	0,13	0,72	0,26	0,16	0,01*	0,01*
Místico-religiosa	R	1,00	1,00	1,00	0,42	1,00	1,00
	KRI	0,26	0,37	0,67	0,78	0,67	0,67
	KSI	0,26	0,37	0,67	0,78	0,67	0,67
Construção	R	0,85	1,00	0,37	0,64	0,83	0,95
	KRI	0,63	0,19	1,00	0,99	0,72	0,30
	KSI	0,63	0,19	1,00	0,99	0,72	0,30

Se $p < 0,05 \Rightarrow L_1 > L_2$. Se $p > 0,05 \Rightarrow L_1 = L_2$

APÊNDICE. Espécies vegetais conhecidas e utilizadas pelos entrevistados em áreas urbanas e periurbanas na cidade de Olinda, Pernambuco, Brasil.

Convenções: URB, área urbana; PURB, área periurbana; **Categorias de uso:** **al, alimentícia** (1, consumo de dieta alimentar; 2, condimento; 3, aperitivo); **ct, construção** (1, cerca-viva; 2, piso da casa); **m, medicinal** (1, cicatrizante; 2, anti-inflamatório; 3, antimicrobiano; 4, anticoagulante; 5, combate hemorróida; 6, antigripal; 7, hipotensora; 8, combate gastrite; 9, estimulante capilar; 10, anticancerígena; 11, antifebril; 12, fluidificante de secreções nasais; 13, analgésico; 14, anti-varicela; 15, anti-prurido; 16, béquico; 17, diurético; 18, vermífugo; 19, sedativo; 20, hipoglicemiante; 21, hipolipemiante; 22, anti-hemorrágico; 23, antitumoral; 24, antiemético; 25, expectorante; 26, antioftálmico; 27, antidiarréico; 28, hipertensora; 29, broncodilatador; 30, antivenéreo; 31, hepatoprotetor; 32, antidispéptico; 33, cardiotônico; 34, recalcificação; 35, antianêmico; 36, emenagogo; 37, antiespasmódico; 38, antiasmático; **mt, místico-religioso** (1, favorecimento econômico; 2, interromper o leite materno; 3, proteção espiritual; 4, favorecer a paz; 5, favorecer a sorte; 6, afastar doenças; 7, limpeza espiritual; 8, oferenda espiritual); **or, ornamental** (Usos: 1, ornamentação da residência; 2, ornamentação religiosa); **ra, ração animal;** **s, sombreamento;** **tx, tóxica** (indução do aborto); **tc, tecnologia** (fabricação de móveis); **uv, uso veterinário** (curar animais doentes); **ot, outros** (1, detergente; 2, conservação do solo; 3, comércio; 4, atividade lúdica; 5, afrodisíaca; 6, inseticida; 7, cosmético; 8, favorecer o emagrecimento; 9, desinfetante; 10, repelente; 11, aromatizante).

* As informações sobre a origem das espécies estão conformes os dados públicos do “Programa REFLORA”, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, disponível em: <http://reflora.jbrj.gov.br>, e, a literatura especializada, com destaque para Forzza, R.C. et al., 2010.

PLANTA	FAMÍLIA / NOME CIENTÍFICO	CITAÇÕES DE USO (Nº)			CATEGORIAS E TIPOS DE USOS	OCORRÊNCIA NAS MORADIAS (Nº)			ORIGEM NO BRASIL*
		URB	PURB	TOTAL		URB	PURB	TOTAL	
	ANGIOSPERMAE								
	ACANTHACEAE								
-	<i>Crossandra infundibuliformis</i> (L.) Nees	-	1	1	or1	-	1	1	cultivada
-	<i>Fittonia albivenis</i> (Lindl. ex Veitch) Brummitt	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
-	<i>Graptophyllum pictum</i> (L.) Griff.	2	1	3	or1	2	1	3	cultivada
-	<i>Hemigraphis alternata</i> (Burm.f.) T.Anderson	2	-	2	or1	1	-	1	cultivada
-	<i>Hypoestes phyllostachya</i> Baker	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
chambá	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq. var. <i>stenophylla</i> Leonard	5	2	7	m(13, 16, 25)	4	1	5	nativa
-	<i>Megaskepasma erythrochlamys</i> Lindau	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
-	<i>Pachystachys lutea</i> Nees	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
-	<i>Ruellia simplex</i> C.Wright	3	-	3	or1	3	-	3	nativa
-	<i>Sanchezia parvibracteata</i> Sprague & Hutch.	1	1	2	or1	1	1	2	cultivada

	AMARANTHACEAE								
benzetacil, penicilina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	3	3	6	m(2, 3); or1	4	3	7	nativa
brede-de-porco	<i>Amaranthus</i> sp.	1	-	1	mt4	1	-	1	naturalizada
beterraba	<i>Beta vulgaris</i> L.	1	-	1	m3	-	-	-	cultivada
crista-de-galo, crista-de-peru	<i>Celosia argentea</i> L.	2	3	5	m3; or1	1	2	3	naturalizada
mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	13	2	15	m(6, 16, 18, 25, 26)	4	1	5	naturalizada
benedita, perpétua	<i>Gomphrena globosa</i> L.	1	-	1	or1	1	-	1	naturalizada
acônito	<i>Pfaffia glomerata</i> (Spreng.) Pedersen	2	-	2	m11	1	-	1	nativa
	AMARYLLIDACEAE								
lírio	<i>Agapanthus africanus</i> (L.) Hoffmanns	4	-	4	or1	4	-	4	cultivada
cebola	<i>Allium cepa</i> L.	3	1	4	m(4, 5); ot3	-	-	-	cultivada
alho	<i>Allium sativum</i> L.	4	1	5	m(6,7, 8)	-	-	-	cultivada
lírio	<i>Eucharis grandiflora</i> Planch. & Linden	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
-	<i>Hippeastrum puniceum</i> (Lam.) Kuntze	2	1	3	or1	2	1	3	nativa
	ANACARDIACEAE								
cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.	17	9	26	al(1, 3); m(1,3); or1; ra	8	10	18	nativa
mangueira	<i>Mangifera indica</i> L.	20	8	28	al1; or1; ot4; ra	12	8	20	cultivada
aroeira	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	16	3	19	al2; m(1, 2, 13)	9	3	12	nativa
cajazeira	<i>Spondias mombin</i> L.	4	6	10	al1	3	4	7	nativa
	ANNONACEAE								
graviola	<i>Annona muricata</i> L.	3	3	6	al1	2	2	4	cultivada
pé-de-pinha	<i>Annona squamosa</i> L.	10	1	11	al1; or1; s	7	4	11	cultivada
	APIACEAE								
coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L.	-	1	1	al2	-	-	-	naturalizada
cenoura	<i>Daucus carota</i> L.	2	-	2	m(26, 27)	-	-	-	cultivada
coentro-do- maranhão	<i>Eryngium foetidum</i> L.	2	1	3	al(1, 2)	2	-	2	nativa
erva-doce	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	8	-	8	al1; m(19, 32)	-	-	-	naturalizada
	APOCYNACEAE								

árvore-do-deserto	<i>Adenium obesum</i> (Forssk.) Roem. & Schult.	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
alamanda-marrom	<i>Allamanda blanchetii</i> A. DC.	2	-	2	or1	2	-	2	nativa
alamanda	<i>Allamanda cathartica</i> L.	3	-	3	ct1; or1	2	-	2	nativa
peroba	<i>Aspidosperma</i> sp	1	-	1	tc	-	-	-	-
boa-noite	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don	8	6	14	or1	8	6	14	cultivada
mangabeira	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	-	1	1	al1	-	-	-	nativa
espirradeira	<i>Nerium oleander</i> L.	1	3	4	or1	1	1	2	cultivada
buquê-de-noiva, jasmim-manga-da- venezuela	<i>Plumeria pudica</i> Jacq.	6	1	7	or1	6	1	7	cultivada
figo, jasmim	<i>Plumeria rubra</i> L.	4	1	5	or1	4	1	5	cultivada
jasmim	<i>Tabernaemontana laeta</i> Mart.	7	-	7	or1	4	-	4	nativa
chapéu-de-napoleão	<i>Thevetia peruviana</i> (Pers.) K.Schum.	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
	ARACEAE								
crote, comigo- ninguém-pode	<i>Aglaonema commutatum</i> Schott	13	2	15	ct1; or1	10	2	12	cultivada
-	<i>Alocasia cucullata</i> (Lour.) G.Don	2	-	2	or1	2	-	2	cultivada
antúrio, rica-flora	<i>Anthurium andraeanum</i> Linden	5	2	7	or1	6	2	8	cultivada
copo-de leite, grande-flora	<i>Anthurium nymphaeifolium</i> K.Koch & Bouché	8	-	8	ct1; or1	8	-	8	cultivada
asa-de-urubu	<i>Anthurium salvinii</i> Hemsl.	2	-	2	or1	2	-	2	cultivada
vinhorão, sapatinho	<i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent.	3	-	3	or1	4	-	4	nativa
comigo-ninguém- pode	<i>Dieffenbachia picta</i> Schott	25	6	31	mt3; or1; ot2	21	4	25	nativa
crote, jiboia	<i>Epipremnum aureum</i> (Linden & André) G.S.Bunting	12	4	16	or1	13	4	17	cultivada
-	<i>Monstera adansonii</i> Schott	2	-	2	or1	2	-	2	nativa
imbé	<i>Philodendron aff acutatum</i> Schott	2	-	2	or1	2	2	4	nativa
pata-de-pato	<i>Philodendron bipennifolium</i> Schott	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
costela-de-adão	<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott ex Endl.	5	-	5	or1	5	-	5	nativa
-	<i>Philodendron hederaceum</i> (Jacq.) Schott	1	-	1	or1	2	-	2	nativa
imbé	<i>Philodendron imbe</i> Schott ex Endl.	12	6	18	ct1; or1	11	6	17	nativa
-	<i>Philodendron martianum</i> Engl.	1	-	1	or1	2	-	2	nativa
-	<i>Raphidophora decursiva</i> (Roxb.) A.Schott	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada

copo-de-leite, lírio-da-felicidade	<i>Spathiphyllum cannifolium</i> (Dryand. ex Sims) Schott	4	1	5	or1	5	1	6	nativa
-	<i>Spathiphyllum wallisii</i> Regel	3	-	3	or1	3	-	3	cultivada
-	<i>Syngonium angustatum</i> Schott	7	1	8	or1	8	1	9	nativa
-	<i>Xanthosoma taioba</i> E.G.Gonç.	1	-	1	or1	2	-	2	nativa
-	<i>Zamioculcas zamiifolia</i> (Lodd.) Engl.	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
	ARALIACEAE								
mulambinho, mulambo	<i>Polyscias fruticosa</i> (L.) Harms	4	1	5	or1	4	1	5	cultivada
chama-dinheiro, crote, mulambo-de-velho	<i>Polyscias guilfoylei</i> (W. Bull) L.H.Bailey	15	5	20	ct1; or1; ot2	13	4	17	cultivada
crote	<i>Polyscias scutellaria</i> (Burm.f.) Forsberg	2	1	3	or1	2	1	3	cultivada
cheflera-gigante, frexeiro	<i>Schefflera arboricola</i> (Hayata) Merr.	3	-	3	or1	2	-	2	cultivada
	ARECACEAE								
macaíba	<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	1	3	4	al1; m34	-	4	4	nativa
palmeira-vapor	<i>Caryota mitis</i> Lour.	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
-	<i>Chamaedorea elegans</i> Mart.	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
coqueiro-amarelo, coqueiro-anão, palmeira-coqueiro	<i>Cocos nucifera</i> L.	32	11	43	al(1, 2); m(17, 31); or1; ot3	14	7	21	naturalizada
palmeira comum	<i>Dypsis lutescens</i> (H.Wendl.) Beentje & J.Dransf.	18	4	22	or1	18	4	22	cultivada
dendê	<i>Elaeis guineensis</i> N. J.Jacquin	2	2	4	m(1, 33)	1	3	4	naturalizada
palmeira	<i>Livistona chinensis</i> (Jacq.) R.Br. ex Mart.	5	1	6	or1; s	1	1	2	cultivada
crote	<i>Livistona rotundifolia</i> (Lam.) Mart.	2	1	3	or1	2	-	2	cultivada
palmeira	<i>Pritchardia pacifica</i> Seemann & H. Wendl.	4	-	4	or1	5	-	5	cultivada
palmeira	<i>Rhapis excelsa</i> (Thunberg) Hemry ex. Rehder	4	-	4	or1	4	-	4	cultivada
palmeira-imperial	<i>Roystonea oleracea</i> (Jacq.) O.F.Cook	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
	ASPARAGACEAE								
-	<i>Agave lophantha</i> Schiede ex Kunth	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
sisal, agave ornamental	<i>Agave sisalana</i> Perrine	4	2	6	or1	4	2	6	naturalizada
agulhinha, alfinete-	<i>Asparagus densiflorus</i> (Kunth) Jessop	15	2	17	or1	13	1	14	cultivada

de-dama, alfinete-de-noiva									
renda-portuguesa	<i>Asparagus setaceus</i> (Kunth) Jessop	4	-	4	or1	4	-	4	cultivada
pata-de-elefante	<i>Beaucarnea recurvata</i> Lem.	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
gravatinha, rabo-de-galo	<i>Chlorophytum comosum</i> (Thumb.) Jacques	10	-	10	or1	11	-	11	cultivada
crote	<i>Cordyline terminalis</i> (L.) Kunth	16	7	23	or1	17	7	24	cultivada
crote	<i>Dracaena fragrans</i> (L.) Ker Gawl.	8	2	10	or1	8	2	10	cultivada
palmeira-da-mangueira	<i>Dracaena marginata</i> Lam.	2	1	3	or1	3	1	4	cultivada
-	<i>Dracaena reflexa</i> Lam.	4	1	5	or1; ct1	3	1	4	cultivada
-	<i>Dracaena sanderiana</i> Sander	4	-	4	or1	4	-	4	cultivada
-	<i>Furcraea foetida</i> (L.) Haw.	1	-	1	or1	1	-	1	naturalizada
-	<i>Ledebouria socialis</i> (Baker) Jessop	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
-	<i>Ophiopogon</i> sp	7	-	7	or1	7	-	7	cultivada
espada-de-ogum, dedo-do-cão	<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer	7	1	8	mt3; or1	6	1	7	cultivada
espada-de-são-jorge, espada-de-iansã, buquê-de-iemanjá	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	36	11	47	ct1; mt3; or1; ot2	29	9	38	cultivada
	ASTERACEAE								
espinho-de-cigano	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	-	1	1	m(16, 38)	-	-	-	nativa
anador	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	1	-	1	m13	-	-	-	cultivada
carqueja	<i>Baccharis</i> sp	1	-	1	m19	-	-	-	-
alegria-de-jardim	<i>Bidens sulphurea</i> (Cav.) Sch.Bip.	-	1	1	or1	-	1	1	naturalizada
-	<i>Calendula officinalis</i> L.	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
benedita, perpétua	<i>Centratherum punctatum</i> Cass.	2	-	2	or1	1	-	1	nativa
camomila	<i>Egletes</i> sp	1	-	1	m19	1	-	1	-
alcachofra	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip ex Walp.	3	4	7	m(3, 31)	3	2	5	cultivada
alface	<i>Lactuca sativa</i> L.	3	1	4	m19; al1	1	-	1	cultivada
camomila	<i>Matricaria chamomilla</i> L.	6	1	7	m19	-	-	-	cultivada
pingo-de-ouro	<i>Melampodium divaricatum</i> (Rich. ex Pers.) DC.	1	1	2	or1	1	1	2	nativa
mentrasto	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	1	-	1	ot2	1	-	1	nativa

cravo-de-defunto	<i>Tagetes pusilla</i> Kunth	6	-	6	m(16, 27); or1	2	-	2	cultivada
planta-de-oxum	<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A.Gray	-	2	2	or1	-	1	1	naturalizada
-	<i>Zinnia peruviana</i> L.(L.)	-	1	1	or1	-	1	1	naturalizada
	BALSAMINACEAE								
maravilha-do-pará, pé-de-beijo	<i>Impatiens walleriana</i> Hook.f.	6	-	6	or1	6	-	6	naturalizada
	BEGONIACEAE								
begônia	<i>Begonia aconitifolia</i> A.DC.	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
crote	<i>Begonia ulmifolia</i> Willd.	3	-	3	or1	3	-	3	nativa
	BIGNONIACEAE								
-	<i>Bignonia magnifica</i> W.Bull	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
jacarandá-amarelo	<i>Jacaranda</i> sp	1	-	1	tc	-	-	-	-
ipezinho	<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. ex Kunth	2	-	2	or1	2	-	2	naturalizada
	BIXACEAE								
colorau	<i>Bixa orellana</i> L.	2	-	2	al2; or1	2	-	2	nativa
	BORAGINACEAE								
erva-ferro	<i>Heliotropium</i> sp	1	-	1	m34	-	-	-	-
	BRASSICACEAE								
couve-manteiga	<i>Brassica oleracea</i> L.	1	1	2	al1	-	-	-	cultivada
agrião	<i>Nasturtium officinale</i> R.Br.	3	-	3	al2; m(16, 25)	1	-	1	cultivada
	BROMELIACEAE								
abacaxi-decorativo	<i>Ananas ananassoides</i> (Baker) L.B.Sm.	7	1	8	or1	7	1	8	nativa
abacaxi	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merrill	8	2	10	al1; m16; or1	3	-	3	nativa
-	<i>Cryptanthus bivittatus</i> (Hook.) Regel	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
bromélia	<i>Guzmania lingulata</i> (L.) Mez	3	-	3	or1	3	-	3	nativa
-	<i>Neoregelia marmorata</i> (Baker) L.B.Sm.	5	-	5	or1	4	-	4	nativa
-	<i>Vriesea hieroglyphica</i> (Carrière) E.Morren	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
	CACTACEAE								
cardeiro, facheiro	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	1	2	3	m17	1	2	3	nativa
dama-da-noite, rainha-da-noite	<i>Epiphyllum oxypetalum</i> (DC.) Haw.	2	1	3	or1	2	1	3	naturalizada
dama-da-noite	<i>Hylocereus undatus</i> (Haw.) Britton & Rose	3	-	3	or1	3	-	3	naturalizada

cacto	<i>Mammillaria longimamma</i> DC.	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
coroa-de-frade	<i>Melocactus bahiensis</i> (Britton & Rose) Luetzelb.	2	-	2	m18; or1	1	-	1	nativa
cacto	<i>Rhipsalis</i> sp	3	-	3	or1	2	-	2	nativa
-	<i>Schlumbergera truncata</i> (Haw.) Moran	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
sianinha	<i>Selenicereus anthonyanus</i> (Alexander) D.R.Hunt	2	-	2	or1	2	-	2	cultivada
	CAMPANULACEAE								
borboleta	<i>Hippobroma longiflora</i> (L.) G.Don	3	-	3	or1	3	-	3	nativa
	CANNACEAE								
borboleta, lírio	<i>Canna indica</i> L.	2	-	2	or1	3	-	3	nativa
	CAPPARACEAE								
trapiá	<i>Crateva tapia</i> L.	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
	CARICACEAE								
mamoeiro	<i>Carica papaya</i> L.	12	4	16	al1; m24; or1	11	4	15	naturalizada
	CARYOCARACEAE								
pequizeiro	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	-	1	1	m3	-	-	-	nativa
	CARYOPHYLLACEAE								
-	<i>Dianthus chinensis</i> L.	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
	CLEOMACEAE								
mussambê	<i>Tarenaya spinosa</i> (Jacq.) Raf.	2	-	2	m(16, 29)	-	-	-	nativa
	COMBRETACEAE								
amor-volúvel, amor-de-homem	<i>Combretum indicum</i> (L.) Jongkind	1	1	2	or1	1	1	2	cultivada
coração-de-negro, castanhola	<i>Terminalia catappa</i> L.	5	1	6	al3; or1;	4	1	5	naturalizada
	COMMELINACEAE								
-	<i>Callisia repens</i> (Jacq.) L.	6	1	7	or1	6	1	7	nativa
-	<i>Commelina erecta</i> L.	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
-	<i>Tradescantia pallida</i> var. <i>purpurea</i> (Boom) Hook.	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
-	<i>Tradescantia spathacea</i> Sw.	7	4	11	or1	7	4	11	cultivada
-	<i>Tradescantia zebrina</i> Heynh. ex Bosse	1	2	3	or1	1	2	3	naturalizada
	CONVOLVULACEAE								
batata-doce	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	1	-	1	al1	2	-	2	naturalizada
trepadeira-de-burle-	<i>Ipomoea fimbriosepala</i> Choisy	1	-	1	or1	1	-	1	nativa

max									
salsa-da-praia	<i>Ipomoea pes-caprae</i> (L.) R.Br.	1	-	1	m1	-	-	-	nativa
	COSTACEAE								
cana-de-macaco, canarana, rabo-de- macaco	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	11	2	13	m(7,17); or1	8	2	10	nativa
	CRASSULACEAE								
flor-da-fortuna, kalachoe	<i>Kalanchoe blossfeldiana</i> Poelln.	9	1	10	or1	9	1	10	cultivada
-	<i>Kalanchoe delagoensis</i> Eckl. & Zeyh.	2	-	2	or1	2	-	2	naturalizada
-	<i>Kalanchoe fedtschenkoi</i> Raym.- Hamet & H.Perrier	1	-	1	or1	1	-	1	naturalizada
-	<i>Kalanchoe gastonis-bonnieri</i> Raym.-Hamet & H.Perrier	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
-	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	2	-	2	or1	2	-	2	naturalizada
	CUCURBITACEAE								
melão	<i>Cucumis melo</i> L.	-	1	1	al1	-	-	-	cultivada
abóbora, jerimum	<i>Cucurbita moschata</i> Duchesne	2	2	4	al1	1	-	1	cultivada
cabacinho	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	2	-	2	m12	-	-	-	nativa
melão, melão-de- são-caetano	<i>Momordica charantia</i> L.	3	-	3	ot1; uv	1	-	1	naturalizada
chuchuzeiro	<i>Sicyos edulis</i> Jacq.	2	-	2	al1; m7	1	-	1	nativa
	CYCLANTHACEAE								
palmeira	<i>Carludovica palmata</i> Ruiz & Pav.	1	-	1	or1	1	-	1	naturalizada
	CYPERACEAE								
papiro	<i>Cyperus alternifolius</i> L.	2	-	2	or1	2	-	2	naturalizada
vassourinha-de- botão	<i>Kyllinga brevifolia</i> Rottb	2	-	2	or1; ot4	4	-	4	nativa
	DIOSCOREACEAE								
cará	<i>Dioscorea</i> sp	2	2	4	al1	1	1	2	-
	EUPHORBIACEAE								
-	<i>Acalypha wilkesiana</i> Müll.Arg.	1	-	1	or1	1	-	1	naturalizada
urtiga-branca	<i>Cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur	4	-	4	m(3, 16, 17, 30)	1	-	1	nativa
-	<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A.Juss.	5	3	8	or1	5	3	8	cultivada

serrote	<i>Euphorbia lactea</i> Haw.	1	-	1	or1	2	-	2	cultivada
-	<i>Euphorbia milii</i> var. <i>hislopii</i> (N.E.Br.) Leandri	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
lampião-roxo, pinhão-roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	10	5	15	m2; mt3; or1	6	4	10	nativa
pinhão	<i>Jatropha podagrica</i> Hook.	-	1	1	or1	-	1	1	cultivada
macaxeira, mandioca	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	3	6	9	al1	1	-	1	nativa
-	<i>Pedilanthus tithymaloides</i> (L.) Poit.	4	1	5	or1	4	1	5	nativa da Amazônia
carrapateira	<i>Ricinus communis</i> L.	1	-	1	mt2	-	1	1	cultivada
	FABACEAE								
babatenon, babatimão	<i>Abarema cochliacarpus</i> (Gomes) Barneby & J.W.Grimes	6	1	7	m(1, 2, 3)	1	1	2	nativa
amendoim	<i>Arachis hypogaea</i> L.	1	-	1	al3	-	-	-	naturalizada
pata-de-vaca	<i>Bauhinia</i> sp	3	-	3	m(20, 21); s	-	-	-	-
sucupira	<i>Bowdichia</i> sp	2	-	2	m3; tc	-	-	-	-
feijão-guandu	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	1	-	1	al1	1	-	1	cultivada
espanador-de- caboclo, espanador- japoneses	<i>Calliandra brevipes</i> Benth.	3	3	6	or1	3	2	5	nativa
acácia-amarela	<i>Cassia fistula</i> L.	2	-	2	or1	2	-	2	cultivada
sombreiro	<i>Clitoria fairchildiana</i> R.A. Howard	2	-	2	or1; s	1	-	1	nativa
flamboaiã	<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	-	1	1	or1	-	1	1	cultivada
brasileirinho, pé-de- dinheiro	<i>Erythrina variegata</i> L.	2	1	3	mt1; or1	1	1	2	cultivada
soja	<i>Glycine max</i> (L.) Merr.	1	-	1	al1	-	-	-	cultivada
ingá	<i>Inga ingoides</i> (Rich.) Willd.	-	2	2	ct1; s	-	2	2	nativa
sabiá; sansão do campo	<i>Mimosa caesalpiniiifolia</i> Benth.	-	2	2	ct1; or1	-	2	2	nativa
pau-brasil, pau- vermelho	<i>Paubrasilia echinata</i> (Lam.) Gagnon, H.C.Lima & G.P.Lewis	9	1	10	m4; or1; ot5	5	1	6	nativa
feijão	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	-	2	2	al1	-	1	1	cultivada
vinhático	<i>Plathymenia</i> sp	1	-	1	tc	-	-	-	-
manjerioba	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	1	-	1	m22	1	-	1	nativa

tamarindo	<i>Tamarindus indica</i> L.	2	-	2	al1; m17	1	-	1	cultivada
	GERANIACEAE								
gerânio	<i>Pelargonium x hortorum</i> L. H.Bailey	-	1	1	or1	-	1	1	cultivada
	GESNERIACEAE								
-	<i>Episcia cupreata</i> (Hook.) Hanst.	4	-	4	or1	4	-	4	cultivada
	HELICONIACEAE								
helicônia	<i>Heliconia bihai</i> (L.) L.	11	-	11	ct1; or1	9	-	9	nativa
helicônia, pé-de-pato	<i>Heliconia psittacorum</i> L.f.	11	-	11	or1	6	-	6	nativa
helicônia	<i>Heliconia rauliniana</i> Barreiros	1	-	1	or1	1	-	1	origem incerta
helicônia	<i>Heliconia rostrata</i> Ruiz & Pav.	2	1	3	or1	2	1	3	nativa
	HYDRANGEACEAE								
hortência	<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.	1	1	2	or1	1	1	2	cultivada
	IRIDACEAE								
-	<i>Iris domestica</i> (L.) Goldblatt & Mabb.	3	-	3	or1	3	-	3	naturalizada
espada-de-nossa-senhora	<i>Neomarica longifolia</i> (Link & Otto) Sprague	5	1	6	or1; ot2	4	1	5	nativa
	LAMIACEAE								
macassá	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	-	2	2	m(2, 3); or1; ot11	-	-	-	cultivada
-	<i>Clerodendrum thomsoniae</i> Balf.f.	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
hortelã-miúdo	<i>Mentha</i> sp	19	8	27	al2; or1; m(4, 13, 16, 19, 27, 32, 35)	6	3	9	-
manjerição	<i>Ocimum americanum</i> L.	11	3	14	al(1, 2); m(6, 13, 26); or1	6	2	8	naturalizada
alfavaca-de-caboclo	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	18	7	25	al2; m(6, 7, 11, 12, 32, 38); or1	9	3	12	naturalizada
manjerição-miúdo	<i>Ocimum minimum</i> L.	4	-	4	al2; m13	4	-	4	cultivada
hortelã-da-folha-graúda, grossa, grande ou larga, hortelã-de-orixalá, hortelã-da-bahia	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	23	6	29	m(6, 13, 16, 25, 32); or1; tx	12	3	15	cultivada
boldo-da-folha-larga, boldo-do-	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	12	4	16	m(3, 13, 19, 27, 31, 32)	6	2	8	cultivada

chile, sete-dores									
-	<i>Plectranthus coleoides</i> Benth.	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
-	<i>Plectranthus scutellarioides</i> (L.) R.Br.	3	-	3	or1	3	-	3	cultivada
alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	4	-	4	al1; m(12, 33)	-	-	-	cultivada
mirra	<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	5	-	5	mt4; or(1,2)	4	-	4	cultivada
	LAURACEAE								
canela	<i>Cinnamomum verum</i> J.Presl	4	5	9	al2; m(27, 28); or1	1	3	4	cultivada
louro	<i>Laurus nobilis</i> L.	7	-	7	al2; m(13, 27); tc	-	-	-	cultivada
abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	14	2	16	al1; ct1; m(10, 17); ot2	5	2	7	naturalizada
	LYTHRACEAE								
-	<i>Cuphea gracilis</i> Kunth	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
arvore-de-natal, natal	<i>Lagerstroemia indica</i> L.	3	-	3	or1	3	-	3	cultivada
romã	<i>Punica granatum</i> L.	6	2	8	m(2, 13); mt5	1	1	2	cultivada
	MALPIGHIACEAE								
cereja-do-nordeste	<i>Bunchosia armeniaca</i> (Cav.) DC.	4	1	5	al1; ra	2	1	3	cultivada
-	<i>Galphimia brasiliensis</i> (L.) A.Juss.	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
acerola	<i>Malpighia emarginata</i> DC.	13	7	20	al1	11	6	17	cultivada
	MALVACEAE								
quiabo	<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	-	3	3		-	2	2	cultivada
-	<i>Callianthe striata</i> (Dicks. ex Lindl.) Donnel	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
papoula	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	16	4	20	ct1; or1	12	4	16	cultivada
malva-branca	<i>Waltheria communis</i> A.St.-Hil.	1	-	1	m13	-	-	-	nativa
	MARANTACEAE								
-	<i>Ctenanthe setosa</i> (Roscoe) Eichler	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
-	<i>Goeppertia ornata</i> (Lem.) Borchs. & Suárez	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
-	<i>Goeppertia rufibarba</i> (Fenzl) Borchs. & S.Suárez	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
-	<i>Goeppertia zebrina</i> (Sims) Nees	3	-	3	or1	3	-	3	nativa
casca-de-tartaruga	<i>Maranta leuconeura</i> E.Morren	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
	MELIACEAE								
nim	<i>Azadirachta indica</i> A.Juss.	1	-	1	or1, ot6	1	-	1	cultivada
cedro	<i>Cedrela</i> sp	2	-	2	tc	-	-	-	-

	MORACEAE								
fruta-pão	<i>Artocarpus altilis</i> (Parkinson) Fosberg	3	-	3	al1	1	1	2	naturalizada
jaca	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	3	4	7	al(1, 3)	-	3	3	naturalizada
-	<i>Ficus benjamina</i> L.	7	1	8	ct1; or1	6	1	7	naturalizada
hera	<i>Ficus pumila</i> L.	6	-	6	or1	6	-	6	cultivada
amora, amora-miúra	<i>Morus nigra</i> L.	6	4	10	al1; ct1; m20; or1	3	1	4	cultivada
	MUSACEAE								
bananeira	<i>Musa x paradisiaca</i> L.	14	9	23	al1; m(16, 25); ot2	9	5	14	cultivada
	MYRISTICACEAE								
noz-moscada	<i>Myristica fragrans</i> Houtt.	2	-	2	al2	-	-	-	cultivada
	MYRTACEAE								
eucalipto	<i>Eucalyptus</i> sp	6	-	6	ct1; m(19, 25); mt6	-	-	-	-
pitangueira	<i>Eugenia uniflora</i> L.	41	8	49	al1; m(2, 4, 27, 33); or1; ra	24	6	30	nativa
jaboticabeira	<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel	4	3	7	al1	1	-	1	nativa
goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	17	1	18	al1; m27; or1	4	1	5	naturalizada
araçazeiro	<i>Psidium guineense</i> Sw.	2	2	4	al1	1	3	4	nativa
azeitona	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	1	-	1	al3	1	-	1	naturalizada
jambeiro-branco, jabolão	<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston	5	2	7	al1	1	-	1	naturalizada
	NYCTAGINACEAE								
pega-pinto	<i>Boerhavia diffusa</i> L.	1	-	1	m23	1	-	1	naturalizada
bougenville	<i>Bougainvillea glabra</i> Choisy	4	-	4	ct1; or1	3	-	3	nativa
bougenville	<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.	3	1	4	or1	2	1	3	nativa
bonina, violeta	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	4	-	4	or1	4	-	4	naturalizada
	OLEACEAE								
jasmim-estrela; jasmim-lavanda	<i>Jasminum grandiflorum</i> L.	5	-	5	or1; ot7	4	-	4	cultivada
bogarí; bugarí	<i>Jasminum sambac</i> (L.) Aiton	3	1	4	or1	3	1	4	cultivada
	ORCHIDACEAE								
orquídea	<i>Cattleya</i> sp	5	1	6	or1	6	1	7	-
orquídea-de-jarro	<i>Spathoglottis plicata</i> Blume	2	1	3	or1	3	1	4	cultivada

	OXALIDACEAE								
biri-biri	<i>Averrhoa bilimbi</i> L.	1	1	2	or1	1	1	2	cultivada
caramboleira	<i>Averrhoa carambola</i> L.	8	-	8	al1; m(17, 18)	5	-	5	cultivada
trevinho, trevo-roxo	<i>Oxalis</i> sp	5	-	5	or1	5	-	5	-
	PANDANACEAE								
-	<i>Pandanus utilis</i> Bory	-	2	2	ct1; or1	-	2	2	cultivada
	PASSIFLORACEAE								
maracujazeiro	<i>Passiflora edulis</i> Sims	2	3	5	m19	1	3	4	nativa
chanana	<i>Turnera subulata</i> Sm.	1	-	1	m16	1	-	1	nativa
	PHYLLANTHACEAE								
quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	5	-	5	m17, or1	5	-	5	nativa
	PHYTOLACCACEAE								
tipim	<i>Petiveria alliacea</i> L.	2	1	3	m13	1	1	2	naturalizada
	PIPERACEAE								
-	<i>Peperomia argyreia</i> (Miq.) E.Morren	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
-	<i>Peperomia obtusifolia</i> (L.) A.Dietr.	5	1	6	or1	6	1	7	nativa
língua-de-sapo	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	7	-	7	m(7, 21); or1	6	-	6	nativa
-	<i>Peperomia scandens</i> Ruiz & Pav.	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
-	<i>Peperomia</i> sp	1	-	1	or1	1	-	1	-
malvaisco	<i>Piper umbellatum</i> L.	6	3	9	m(13, 30); or1	9	3	12	nativa
	PLANTAGINACEAE								
milindrão	<i>Russelia equisetiformis</i> Schltld. & Cham.	5	1	6	or1; ra	3	1	4	cultivada
	PLUMBAGINACEAE								
nuvem	<i>Plumbago auriculata</i> Lam.	3	-	3	or1	3	-	3	cultivada
	POACEAE								
bambuzinho	<i>Bambusa vulgaris</i> Schrad. ex J.C.Wendl.	1	2	3	or1	1	2	3	naturalizada
-	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	1	-	1	or1	1	-	1	naturalizada
capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	38	8	46	m(6,7, 13, 17, 19, 27, 32); al(1, 2); or1; ot8	10	6	16	naturalizada
capim-eucalipto, citronela	<i>Cymbopogon winterianus</i> Jowitt ex Bor	5	2	7	m1; or1; ot(7, 9, 10)	4	1	5	cultivada
grama	<i>Cynodon dactylon</i> (L.) Pers.	4	2	6	or1; ot(2, 4)	4	2	6	nativa

grama	<i>Dactyloctenium aegyptium</i> (L.) Willd.	-	1	1	or1; ot(2, 4)	-	1	1	naturalizada
capim	<i>Panicum maximum</i> Jacq.	2	-	2	ra	1	-	1	naturalizada
grama	<i>Paspalum notatum</i> Flügge	2	2	4	or1	2	1	3	nativa
alpiste	<i>Phalaris canariensis</i> L.	1	-	1	m20	-	-	-	cultivada
cana-caiana,,cana-roxa	<i>Saccharum officinarum</i> L.	3	2	5	al1; ot3	2	2	4	cultivada
pé-de-milho	<i>Zea mays</i> L.	-	1	1	al1	-	-	-	cultivada
	POLYGONACEAE								
miguê	<i>Antigonon leptopus</i> Hook. & Arn.	1	-	1	or1	2	-	2	cultivada
	PORTULACACEAE								
-	<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	-	1	1	or1	-	1	1	nativa
onze-horas	<i>Portulaca oleracea</i> L.	5	-	5	or1	5	-	5	nativa
	RHAMNACEAE								
juá	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	7	-	7	ct1; m(1, 3)	7	-	7	nativa
	ROSACEAE								
macieira	<i>Malus</i> sp	1	1	2	al1; m19; mt8	-	-	-	-
pereira	<i>Pyrus</i> sp	-	1	1	al1; mt8	-	-	-	-
rosa-mesquita	<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	4	1	5	mt7; or1	4	1	5	cultivada
rosa	<i>Rosa</i> sp	9	-	9	mt7; or1	-	-	-	-
	RUBIACEAE								
vassourinha-de-botão	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G.Mey.	1	1	2	m13	1	1	2	nativa
jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	2	3	5	al1; m25	-	-	-	nativa
ixora, mini-ixora	<i>Ixora coccinea</i> L.	14	5	19	or1	13	5	18	cultivada
none	<i>Morinda citrifolia</i> L.	8	1	9	ct1; m10; or1	9	2	11	cultivada
mussaenda	<i>Mussaenda philippica</i> A.Rich.	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
	RUTACEAE								
laranjeira	<i>Citrus</i> sp	13	1	14	al1; m19	6	1	7	-
limoeiro	<i>Citrus</i> sp	11	6	17	al1; m6	4	3	7	-
jasmim-laranja, jasmim-de-salão	<i>Murraya paniculata</i> (L.) Jack	15	1	16	or1; ot2	14	1	15	cultivada
arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	3	-	3	mt(3, 7)	2	-	2	cultivada
	SAPINDACEAE								

filício	<i>Filicium decipiens</i> (Wight & Arn.) Thwaites	2	-	2	or1	1	-	1	cultivada
pitombeira	<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	-	5	5	al1	-	2	2	nativa
	SAPOTACEAE								
ubaia	<i>Chrysophyllum cainito</i> L.	1	-	1	al1	1	-	1	origem incerta
saputí, sapota	<i>Manilkara zapota</i> (L.) P.Royen	3	2	5	al1; or1	3	3	6	cultivada
massaranduba	<i>Manilkara</i> sp	1	-	1	tc	-	-	-	
abricó	<i>Mimusops coriacea</i> (A. DC.) Miq.	1	-	1	al1	1	-	1	cultivada
abiu	<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk.	1	-	1	al1	-	-	-	nativa
quixaba	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Humb. ex Roem. & Schult.) T.D.Penn.	2	-	2	m(2, 4)	1	-	1	nativa
	SCROPHULARIACEAE								
chuva-de-prata	<i>Leucophyllum frutescens</i> (Berland.) I.M. Johnst.	-	1	1	or1	-	1	1	cultivada
	SOLANACEAE								
-	<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D.Don	2	-	2	or1	1	-	1	nativa
pimenta-biquinho; pimenta-redonda	<i>Capsicum chinense</i> Jacq.	2	1	3	al2	2	1	3	naturalizada
pimenta-de-cheiro	<i>Capsicum frutescens</i> L.	2	1	3	al2	2	1	3	naturalizada
-	<i>Cestrum nocturnum</i> L.	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
-	<i>Petunia</i> sp	1	-	1	or1	1	-	1	-
erva-moura	<i>Solanum americanum</i> Mill.	3	2	5	m3; ra	3	1	4	nativa
tomateiro	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	2	2	4	al(1, 2)	1	2	3	cultivada
tomateiro	<i>Solanum pimpinellifolium</i> L.	5	1	6	al(1, 2)	5	1	6	cultivada
pé-de-batata	<i>Solanum tuberosum</i> L.	1	2	3	al1	-	-	-	cultivada
	TALINACEAE								
brede-de-porco	<i>Talinum paniculatum</i> (Jacq.) Gaertn.	4	2	6	al2; or1	4	2	6	nativa
	URTICACEAE								
embaúba	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	5	1	6	or1; ra	1	-	1	nativa
-	<i>Pellionia repens</i> (Lour.) Merr.	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
-	<i>Pilea cadierei</i> Gagnep. & Guillaumin	1	-	1	or1	1	-	1	naturalizada
-	<i>Pilea involucrata</i> (Sims) C.H.Wright & Dewar	1	-	1	or1	1	-	1	cultivada
brilhantina	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	5	1	6	or1; ra	5	1	6	naturalizada
	VERBENACEAE								

-	<i>Duranta erecta</i> L.	1	1	2	or1	1	1	2	naturalizada
-	<i>Lantana camara</i> L.	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
erva-cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson	26	10	36	al1; m(6, 19, 27, 32, 35, 36, 37); or1; tx	14	2	16	nativa
verbena	<i>Verbena hybrida</i> Groenl. & Rumpler	-	1	1	or1	-	1	1	cultivada
	VITACEAE								
café-do-verde	<i>Leea guineensis</i> G. Don	12	3	15	mt3; or1	9	3	12	cultivada
café-do-roxo	<i>Leea rubra</i> Blume ex Spreng.	10	2	12	or1	9	1	10	cultivada
uva-roxa	<i>Vitis vinifera</i> L.	3	1	4	al1	1	-	1	cultivada
	XANTHORRHOACEAE								
erva-babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	21	4	25	m(1, 9, 10); or1	22	2	24	cultivada
	ZINGIBERACEAE								
panamá	<i>Alpinia purpurata</i> (Vieill.) K.Schum.	9	1	10	or1	9	1	10	cultivada
colônia	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L.Burtt & R.M.Sm.	27	11	38	m(7, 11, 12, 13, 14, 15); mt3; ot9	13	7	20	cultivada
gengibre-amarelo	<i>Curcuma longa</i> L.	3	-	3	m2; or1	3	-	3	cultivada
helicônia-rosa-de-marfim ou bastão-do-imperador	<i>Etlingera elatior</i> (Jack) R.M.Sm.	1	-	1	or1	-	-	-	cultivada
borboleta	<i>Hedychium coronarium</i> J.Koenig	-	1	1	or1	-	1	1	naturalizada
gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	-	1	1	al2	-	1	1	cultivada
	GIMNOSPERMAE								
	CUPRESSACEAE								
-	<i>Chamaecyparis</i> sp	1	-	1	or1	1	-	1	-
	CYCADACEAE								
palmeira	<i>Cycas revoluta</i> Thunb.	10	2	12	mt3; or1; ot2	6	2	8	cultivada
	PTERIDOPHYTA								
	DAVALLIACEAE								
canela-de-veado	<i>Davallia fejeensis</i> Hook.	4	1	5	or1	4	1	5	cultivada
avenca	<i>Nephrolepis biserrata</i> (Sw.) Schott	1	-	1	or1	2	-	2	nativa
avenca	<i>Nephrolepis brownii</i> (Desv.) Hovenkamp & Miyam.	4	1	5	or1	4	1	5	nativa

avenca, samambaia	<i>Nephrolepis cordifolia</i> (L.) C. Presl	5	2	7	or1	6	2	8	nativa
avenca	<i>Nephrolepis</i> sp	10	1	11	or1	11	1	12	-
	POLYPODIACEAE								
avenca	<i>Campyloneurum</i> sp	1	-	1	or1	1	-	1	-
mão-de-anjo, mão-de-deus	<i>Cochlidium punctatum</i> (Raddi) L.E.Bishop	12	2	14	or1	12	2	14	cultivada
jamaica	<i>Phymatodes scolopendria</i> (Burm.f.) Ching	10	2	12	or1	10	2	12	cultivada
avenca	<i>Platyserium bifurcatum</i> (Cav.) C.Chr.	3	-	3	or1	3	-	3	cultivada
	PTERIDACEAE								
avenca véu de noiva, ou sapatinho de anjo	<i>Adiantum raddianum</i> C.Presl	3	-	3	or1	3	-	3	nativa
avenca	<i>Adiantum subcordatum</i> Sw.	1	-	1	or1	1	-	1	nativa
avenca	<i>Pteris vittata</i> L.	3	1	4	or1	3	1	4	naturalizada
	SELAGINELLACEAE								
avenca	<i>Selaginella</i> sp	6	-	6	or1	5	-	5	-
	THELYPTERIDACEAE								
avenca	<i>Macrothelypteris torresiana</i> (Gaudich.) Ching	2	-	2	or1	2	-	2	naturalizada
	SEM IDENTIFICAÇÃO								
cebolinha	-	1	1	2	al2	1	-	1	-
salsa	-	1	-	1	al2	-	-	-	-
alfazema	-	1	-	1	m19	-	-	-	-
ansulina	-	1	-	1	m20	1	-	1	-
oité-coron, oité-da-praia	-	1	-	1	al1	-	-	-	-
sempre-viva	-	1	-	1	or1	-	-	-	-
árvore-de-jangada	-	1	-	1	ct3	-	-	-	-
margarida	-	3	-	3	or1	-	-	-	-

5 CONCLUSÕES

A conservação das residências no Sítio Histórico de Olinda, com áreas dedicadas a quintais e jardins, contribui para a manutenção do patrimônio cultural relacionado com o conhecimento etnobotânico dos moradores, revelado pela diversidade de plantas úteis nelas existentes.

A escolha das espécies a serem cultivadas leva em consideração as preocupações dos moradores com a melhoria da qualidade de vida e condições de saúde, principal função atribuída aos jardins e quintais do Sítio Histórico e da área periurbana.

6 RESUMO

Olinda (Pernambuco, Brasil) foi declarada pela UNESCO “Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade”, e “Registro Memória do Mundo no Brasil”. Considerando que o conhecimento etnobotânico é parte imaterial desse patrimônio, investigou-se a relação de moradores de bairros componentes do Sítio Histórico (Amparo, Bonsucesso e Carmo) com as plantas existentes nas residências. Incluiu-se um bairro não tombado, na região peri-urbana da cidade. Realizou-se entrevistas semi-estruturadas (48) e verificou-se a associação da riqueza de espécies cultivadas com a riqueza do conhecimento, a área verde disponível e o tempo de moradia (teste de correlação de Spearman). A distribuição de plantas úteis e conhecimento dos entrevistados nos bairros e na localidade periurbana foram avaliados através do teste de Kolmogorov-Smirnov. Utilizou-se o índice de Jaccard e UPMGA nas análises de similaridade florística e agrupamento. Empregou-se o programa estatístico “R”, versão 2.15.2, nível de confiança de 95%. Foram citadas 346 espécies, empregadas, sobretudo, no paisagismo, cuidados da saúde e alimentação. A riqueza do conhecimento do morador foi o fator mais

influyente na riqueza de plantas cultivadas na residência, seguida da área disponível. O conhecimento e práticas de cultivo dos moradores não mostraram diferenças marcantes, em termos das categorias de uso, predominando as plantas ornamentais e medicinais.

Palavras-chave: jardins residenciais; quintais urbanos; patrimônio imaterial

7 ABSTRACT

Ethnobotanical knowledge of Olinda's historical site's inhabitants, Natural and Cultural Heritage of Humanity

Olinda (Pernambuco, Brazil) has been declared Natural and Cultural Heritage of Humanity by UNESCO, and World's Record Memory in Brazil. Considering that the ethnobotanical knowledge is an intangible part of this heritage, the relation between inhabitants from the historical site's neighborhoods (Amparo, Bonsucesso and Carmo) and the plants found in their homes was assessed. Another non-heritage listed neighborhood from the outskirts of the city was included. Semi-structured surveys (48) were carried out and the association between the variety of species and richness of knowledge was analyzed, as well as available green area and inhabited periods (Spearman's Correlation Test). The distribution of useful plants and knowledge of the interviewees in the neighborhoods and in the peri-urban location were evaluated through the Kolmogorov-Smirnov test. The Jaccard index and UPMGA were used in analyzes of floristic similarity and clustering. The statistical program "R", version 2.15.2, and a 95% confidence level were applied. A total of 346 species were mentioned, mainly used in landscaping, health care and food. The richness of the resident's knowledge was the most influential factor in the wealth of plants grown in the residence, followed by the available area. The knowledge and cultivation practices of the residents did not show remarkable differences in terms of the categories of use, predominating ornamental and medicinal plants.

Keywords: residential gardens; urban backyards; intangible heritage